



ALLAN KARDEC. — Fezta una photographia de E. Lejeune.

# Kardec e o Espiritismo no Brasil

## 1ª Parte

**L.E 833. HAVERÁ NO HOMEM ALGUMA COISA QUE ESCAPE A TODO CONSTRANGIMENTO E PELA QUAL GOZE ELE DE ABSOLUTA LIBERDADE?**

“NO PENSAMENTO GOZA O HOMEM DE ILIMITADA LIBERDADE, POIS QUE NÃO HÁ COMO PÔR-LHE PEIAS. PODE-SE-LHE DETER O VÔO, PORÉM, NÃO ANIQUILÁ-LO.”

Obs. Embora não fora mantido a forma de escrever arcaica do português usado à época foi mantido *ipsis litteris* ao que se encontra na edição original de 1920 impressa na cidade do Porto – Portugal e distribuída pela Federação Espírita Brasileira - FEB. (nota da Associação Jauense de Estudos Espíritas)

## DUAS PALAVRAS

De nenhum modo pretendemos realçar aqui em duas palavras, o valor e a importância verdadeiramente extraordinários desta obra incomparável, única até hoje no mundo, onde, dia a dia, à medida que for sendo calmamente estudada e meditada, avultarão a sua grandiosidade e a sua profundidade. Para o fazermos, talvez nada menos de um volume houvéramos de escrever quando não nos faltasse capacidade.

Nela se encerra toda uma revelação de verdades divinas que ainda nenhuma outra fora dado ao homem entrever. Ela nos põe sob as vistas, banhados numa claridade intensíssima, que por vezes ainda nos ofusca os olhos tão pouco acostumados à luminosidade das coisas espirituais, esse código de sabedoria infinita que se há de tornar o código único dos homens – os Evangelhos de Jesus. Tanto basta para que sua operosidade assinalada fique.

Outro é o nosso escopo: explicar certas inovações a que nos abalançamos nesta tradução. Assim começaremos por dar a razão de ser dos pequenos resumos que se vêm às margens das paginas e que não se encontram no original. Tão vários quão relevantes são os assuntos, os problemas, as questões que, no curso das explicações evangélicas, os espíritos que ditaram a obra abordaram e exploraram, que nos pareceu da maior conveniência a elaboração desses resumos, a fim de fazer ressaltar um outro caráter que ela não pode deixar de ter.

Efetivamente, além de ser obra de estudo e meditação metódica dos Evangelhos, a “Revelação da Revelação” será sempre também indispensável obra de consulta, não só para os que já lhe hajam perlustado as paginas, como ainda para os que, sem o terem feito, busquem de momento elucidar qualquer das grandes questões que o Espiritismo veio por em foco. Os resumos a que nos referimos, permitindo a organização de um índice remissivo das matérias tratadas, tornariam possível a realização daquele objetivo. Compusemo-los, então, e organizamos o índice, que somos o primeiro a reconhecer deficiente, falho, imperfeito, mas que, todavia, já auxiliará muitíssimo a procura dos principais assuntos ventilados, o que, sem ele, apresentava extrema dificuldade, quando não completa impossibilidade.

Outra circunstancia a assinalar: *tendo sido esta tradução calcada sobre a segunda edição francesa, o que preferimos pela refutação que na introdução traz das principais críticas feitas desde o primeiro momento aos “Quatro Evangelhos”,* no prefácio que traduzimos não vem todas as mensagens dirigidas do Alto ao Sr. Roustaing acerca da execução desta obra e das outras obras que se lhe seguiram, as quais naturalmente virão ao seu tempo, por intermédio de outros missionários. Dado, porem, o interesse real que essas mensagens justificadamente despertam, pois que elucidam a gênese e o plano do trabalho que o Sr. Roustaing foi incumbido de executar, não quisemos suprimi-las da nossa tradução. Inserimo-las então no começo do quarto volume que, contendo apenas o Evangelho de João, oferecia maior vantagem para isso, por vir a ser o que menor numero de paginas contaria, como de fato é.

Ainda uma outra explicação. A obra do Sr. Roustaing, no original Frances, se acha dividida em três volumes apenas, constituindo o terceiro pela parte final dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, todo o de João e os dez mandamentos de Moises. Como não houvésemos encontrado boa razão explicativa dessa maneira de dividir a matéria tratada, de melhor aviso se nos afigurou a sua divisão em quatro volumes, que ficariam sensivelmente iguais em tamanho, o que não é consideração desprezível atenta a estética da obra toda, repartindo pelos três primeiros os Evangelhos sinóticos e reservando o ultimo para o de João, com o acréscimo da explicação dos mandamentos, na parte final.



Instado para nos incumbirmos desta tradução, trabalho que bem sabíamos superior as nossas forças e capacidade, buscamos coragem para empreendê-lo à sombra deste conceito profundamente verdadeiro de um notável escritor Frances: “Se refletindo no excesso do esforço diante das coisas difíceis, aguardássemos, na imortalidade do orgulho, que fossemos elevados à altura do que desejamos tentar, nada nunca empreenderíamos. Cumpre nos abalancemos à obra naturalmente, com todo o ardor de que sejamos capazes e com a probidade da boa vontade máxima”

Ainda assim, porem, tomando sobre os ombros este trabalho, fizemo-lo unicamente fiado na misericórdia de Jesus e na assistência, sempre eficaz, dos altos espíritos seus mensageiros de paz e de luz e obedecendo ao principio de que não nos é licito escusar-nos de trabalhar na seara do Senhor, por considerarmos pesada em demasia a tarefa que se nos queira confiar.

Se apesar dessa assistência e dessa misericórdia ficamos muito aquém do encargo recebido, como é nossa convicção, que nos perdoem os que lerem esta tradução da obra imorredoura dos “Quatro Evangelhos explicados em espírito e verdade”, certos de que a ela consagramos o melhor de nossos cuidados e a executamos com o mais ardente desejo de bem servir à causa santa do Espiritismo, sol que acende em todos os pontos do globo e em todas as regiões do espaço que o envolve, a fim de tornar definitivamente limpa de sombras a estrada evangélica por onde o imenso rebanho do Pastor Divino será por ele conduzido ao seu aprisco.

O Tradutor (Guillon Ribeiro)

## PREFÁCIO

Submeto ao exame e à meditação de meus irmãos os Quatro Evangelhos e, em seguida os Mandamentos, *explicados em espírito e verdade*.

Emana esta obra daqueles que prepararam o advento da missão terrena de Jesus, participaram do desempenho dessa missão e escreveram esses livros que tiveram por destino guardar, como sagrado e imperecível deposito, a grande revelação messiânica.

Depois de terem, nos limites da missão terrena que cumpriram, dado testemunho, dado testemunho de Jesus, eles, despojando da letra o espírito, vem clarear o que parecia trevas e do que era considerado mentira extrair a verdade.

Numa época de sarcasmos, de incredulidade e de negação, em que o espiritualismo luta com o materialismo, devo explicar como e por que circunstâncias concorrentes fui levado a empreender, executar e publicar esta obra preparatória da revelação predita e prometida pelo Cristo, o Espírito da Verdade. Ela é apenas um intróito destinado a preparar a unidade de crenças entre os homens, pois que aqueles que previram o advento da missão terrena de Jesus, que partilharam da obra dessa missão, têm que voltar à Terra a fim de cooperarem na efetivação das promessas do Mestre, no preenchimento da missão do espírito da verdade.

Dera-me Deus por provação ser, desde a juventude, desde o momento em que entrei na vida social, filho de minhas obras, no seio da pobreza, pelo estudo, pela fadiga, pelo trabalho.

No mês de janeiro de 1858 fui acometido de uma enfermidade tão prolongada quão dolorosa, proveniente de uma vida já longa de estudos, de canseiras e de labor, passada a principio em Tolosa, de 1823 a 1826, no ensino das letras e ciências, ao mesmo tempo que na aprendizagem das leis e do direito para a obtenção dos diplomas que me abriram progressivamente a carreira da advocacia; depois, em Paris, de 1826 a 1829, na escrivania, onde aprendi a por a lei em execução, e no estágio, ouvindo os que então eram os príncipes da palavra e os favoritos da fama; finalmente, nos auditórios de Bordeaux, meu torrão natal, numa vida militante de ininterrupta labutação.

Em janeiro de 1861, completamente restabelecido, cuidei de voltar ao exercício dessa amada profissão para com a qual era devedor de uma posição independente, adquirida mediante trinta anos de trabalho no gabinete e nos tribunais. Mas, “o homem propõe e Deus dispõe”, diz a sabedoria das nações.

Um distinto clinico daquela cidade me falou da possibilidade das comunicações do mundo corpóreo com o mundo espiritual, da doutrina e da ciência espíritas, como fruto dessa comunicação, objetivando uma revelação geral. Minha primeira impressão foi de incredulidade devida à ignorância, mas eu bem sabia que uma impressão não é uma opinião e não pode servir de base ao julgamento; que para isso, é necessário, antes de tudo, nos coloquemos em situação de falar com pleno conhecimento de causa.

Sabia e sei ainda ser ato de insensatez aprovar ou repudiar, afirmar ou negar o que se não conhece em absoluto, ou o que não se conhece bastante, o que não se examinou suficientemente e aprofundou sob o duplo ponto de vista teórico e experimental, na medida das faculdades próprias sem prevenções, sem idéias preconcebidas. À semelhança dos que possuem, no dizer de Leibnitz a Bossuet, “um profundo sentimento da razão e que não lhe sabem proscrever os direitos ante uma autoridade que se impõe, que não se legitima senão afirmando o seu poder”, estava eu distanciado “das pregações imperiosas, exclusivas que ordenam silencio à razão e a emparedam entre a escravidão e a incredulidade”.

Respeitador de todas as crenças, de todos os cultos, em nome da liberdade da consciência, da razão, do exame, em nome da tolerância e da caridade, nenhuma fé definida eu tinha. Minha razão se recusava a admitir o que as interpretações humanas ensinavam relativamente ao Cristo e aos Evangelhos, que permaneciam obscuros e incompreensíveis para mim. A perplexidade me dominava a respeito de tudo quanto, fora da pura moral de Jesus, entendia com a sua personalidade e a sua missão terrena que o véu da letra ocultava às minhas vistas, de tudo quanto à ignorância dos homens, impossibilitando-os de compreender e de explicar, qualificou e qualifica ainda de sobrenatural, de milagres.

Para mim não havia o *sobrenatural*, nem milagres, no sentido que se empresta a estas palavras – o de *derrogação* das leis da natureza.

Com a minha vida inteira irresistivelmente presa à pesquisa da verdade, na ordem física, moral e intelectual, deliberei informar-me cientificamente, primeiro pelo estudo e pelo exame, depois pela observação e pela experimentação, do que haveria de possível, de verdadeiro ou de falso nessa comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal, nessa doutrina e ciência espíritas.

Li o Livro dos Espíritos. Nas páginas desse volume encontrei: uma moral pura, uma doutrina racional, de harmonia com o espírito e progresso dos tempos modernos, consoladora para a razão humana; a explicação lógica e transcendente da lei divina ou natural, das leis de adoração, de trabalho, de reprodução, de destruição, de sociedade, de progresso, de igualdade, de liberdade, de justiça, de amor e de caridade, do aperfeiçoamento moral, dos sofrimentos e gozos futuros.

Em seguida, deparei com explicações judiciosas acerca da alma no estado de encarnação e no de liberdade; do fenômeno da morte, da individualidade e das condições de individualidade da alma após a morte; do que se chamou anjo e demônio; dos caminhos e meios, dos agentes secretos ou ostensivos de que se serve Deus para o funcionamento, o desenvolvimento, o progresso físico dos mundos; do progresso e desenvolvimento físico, moral e intelectual de todas as suas criaturas.

Encontrei ainda a explicação racional da pluralidade dos mundos, da lei de renascimento presidindo, pelo progresso incessante não só da matéria como da inteligência, a vida e harmonia universais no infinito e na eternidade.

Compreendi mais do que nunca, diante da pluralidade dos mundos e das humanidades, assim como de suas hierarquias; da pluralidade das existências e da respectiva hierarquia, que os homens, no nosso planeta, são de uma inferioridade moral notória; de uma inferioridade intelectual acentuada relativamente às leis a que estão sujeitos na Terra os diversos reinos da natureza e às leis que obedecem os mundos e as humanidades superiores, por meio das quais aquelas leis se conjugam na unidade e na solidariedade.

Sim, essa ignorância é imensa, quanto aos meios de apropriação das leis de um planeta superior a um planeta inferior, quanto a um messias enviado por Deus em alta missão toma um corpo de conformidade com a sua natureza espiritual e relativamente harmônico com uma esfera inferior, qual a Terra, para aí se manifestar entre os homens, para lhes traçar as diretrizes da regeneração humana, para lhe trazer a luz e a verdade veladas e destinadas a serem descobertas progressivamente, conforme aos tempos e às exigências de cada época.

Compreendi a necessidade das revelações progressivas, vindo sucessivamente levantar, pouco a pouco, o véu e patentear aos olhos dos homens, de modo a iluminá-los sem os deslumbrar, a luz que os tem de guiar nas suas indagações e ajudar a progredir na trilha da verdade.

Li em seguida o Livro dos Médiuns e nele se me deparou uma explicação racional: da possibilidade das comunicações do mundo corpóreo com o mundo espiritual; das vias e meios próprios para essas comunicações; das aptidões e faculdades mediúnicas no homem; da mediunidade e das condições de moralidade e de experiência para o seu exercício útil e proveitoso nas relações do mundo visível com o mundo invisível, sempre e exclusivamente com o objetivo da prece, da caridade de além tumulo, do ensinamento moral, da instrução que os bons espíritos, na nova era que começa, têm a missão de dar e que invariavelmente proporcionada e adequada ao desenvolvimento intelectual e moral do homem. Achei, enfim,

a explicação racional das vantagens e inconvenientes da mediunidade dos escolhos e perigos a evitar e dos caminhos a seguir para praticá-la.

*O mundo espiritual era bem o reflexo do mundo corporal.*

Depois desse estudo e desse exame, consulte a história, desde a origem das eras conhecidas até nossos dias, e vi, entre todos os povos da antiguidade, dos tempos intermediários e dos tempos modernos, a comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal historicamente comprovada, atestada pelos fatos que em todas as épocas os historiadores mais acreditados entre os homens registraram.

Compulsei os livros da filosofia profana e religiosa, antiga e recente, os prosadores e os poetas que refletem as crenças, bem como os costumes dos tempos. Vi ensinados, desde a antiguidade até hoje, num amalgama de erros e de verdades, dispersas e ocultas aos olhos das massas, os princípios que a doutrina e a ciência espíritas vieram por em foco: 1º - a pluralidade dos mundos e sua hierarquia; 2º - a pluralidade das existências e sua hierarquia; 3º - a lei de renascimento; 4º - as noções da alma no estado de encarnação e no de liberdade e as de seus destinos.

Perlustrei os livros das duas revelações, o Antigo e o Novo Testamento. Entregando-me a essa leitura, que empreendera outrora e abandonara por obscura e incompreensível, verifiquei que, graças à doutrina e a ciência espíritas sobre aquelas páginas se projetavam vivos raios de luz, à cuja claridade minha inteligência e minha razão alguma coisa divisaram através do *véu da letra*. Reconheci, nesses livros sagrados, ser um fato a comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal, comunicação que na ordem divina, providencial, é o instrumento de que se serve Deus para enviar aos homens a luz e a verdade adequadas ao tempo e às necessidades de cada época, na medida do que a humanidade, conforme o meio em que se acha colocada, pode suportar e compreender, como condição e elemento de seu progresso.

*Vi que as revelações de Deus é permanente e progressiva.*

Encontrei nos Evangelhos, veladas pela letra: 1º - a afirmação da pluralidade dos mundos e da sua habitabilidade; 2º - a lei do renascimento como meio único, para os homens, *de ver o reino de Deus*, isto é: de chegar à *perfeição* pela purificação e pelo progresso; 3º - a afirmação da imortalidade da alma, da sua individualidade após a morte, dos seus destinos futuros, da sua vida eterna.

Mas, se por um lado a moral sublime do Cristo resplandeceu a meus olhos em toda sua pureza, em todo seu fulgor, como brotando de uma fonte divina; por outro lado, tudo permaneceu obscuro, incompreensível e impenetrável à minha razão, no tocante à revelação sobre a *origem* e a *natureza* espirituais de Jesus, sobre a sua *posição espírita* em relação a Deus e ao nosso planeta, sobre os seus *poderes* e a sua *autoridade*.

Quanto à revelação sobre uma origem, uma natureza, ao mesmo tempo humanas e extra humanas de Jesus, sobre o modo de sua aparição na Terra, tudo, como antes se conservou igualmente obscuro, incompreensível e impenetrável à minha razão.

Pelo que respeita à sua morte, tendo em vista estas palavras suas: “Deixo a vida para retomá-la, ninguém me tira, sou eu que a deixo por mim mesmo”; pelo que toca a ressurreição, diante destas outras palavras que ele proferiu: “Tenho o poder de deixar a vida e tenho o poder de a retomar”; pelo que se refere ao desaparecimento do seu corpo do sepulcro, estando selada a pedra que lhe fechava a entrada, à sua *ressurreição* e as suas *aparições* às mulheres e aos discípulos; pelo que entende com a sua *ascensão* às regiões

etéreas com a suas palavras proféticas acerca do futuro do nosso planeta e dos acontecimentos que hão de preceder o seu segundo advento, por ele predito, senti a impotência da razão humana para penetrar as *trevas da letra* e, desde então, a necessidade de uma revelação nova, DE UMA REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO.

Porem, o que, em nome da historia, da filosofia e das revelações já enviadas por Deus aos homens, eu verificara é que: A comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal se dera em todos os tempos, segundo as naturezas e categorias dos espíritos, bons ou maus, espíritos que eram as almas dos que viveram na Terra ou em outros mundos; que a doutrina e a ciência espíritas vinham clarear e desenvolver no seio das massas os ensinamentos do passado, sob os pontos de vista filosófico e religioso.

Por essa época já havia, em algumas das mais distintas famílias da minha cidade natal, médiuns com os quais me foi dado entrar em relações. Entreguei-me, auxiliado por eles, diariamente, a trabalhos de experimentação e de observação, com o espírito disciplinado pelo estudo das ciências puras e aplicadas, com o sentimento de caridade que nos prescreve dar a atenção ao parecer daquele que é mais humilde do que nós e aproveitar-lhe os conselhos, pois que os pequenos foram sempre os obreiros de tudo que é grande.

Acresce que, desse trato íntimo entre um que sabe muito segundo a ciência humana e aquele que lhe traz o concurso generoso e gratuito da sua boa vontade, nascem relações fraternas, que geram mútuo respeito e estima recíprocas. O mais afortunado estende lealmente a mão ao outro, que não possui senão os seus próprios braços. Todos, espiritualmente, se sentem irmãos e cada um se reconhece mais ou menos bem colocado na hierarquia social (em virtude de seu livre arbítrio), a fim de tirar desta posição o partido mais útil, mais moralizador para si e para a sociedade.

Ao cabo dessa obra de experimentação e de observação, no terreno das manifestações inteligentes, às quais se vieram juntar as manifestações físicas no terreno material, achei-me convencido de que a comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal é uma das leis da natureza e que não existe barreira que a minha *ignorância* e a *influência de preconceitos vulgares* me fizeram crer intransponível entre os vivos e os mortos segundo a carne.

*Depois de ter visto e ouvido, minha fé se firmou de modo inabalável.*

Compreendo que a ciência magnética é inseparável da ciência espírita, a qual só agora o sei, é chamada a servir e serve àquela de farol, cientificamente, no ponto de vista experimental, no campo do sonambulismo e da psicologia. Sei também que o magnetismo é o agente universal que tudo aciona. Tudo é atração magnética. Essa é a grande lei que rege todas as coisas sob a ação espírita universal.

O estudo e a observação, preparando-me para a compreensão do magnetismo espiritual, me levaram a pressentir no futuro a descoberta de vastos horizontes no campo científico humano e extra-humano para o avanço da humanidade pelo caminho do progresso e da verdade. E meus estudos e pesquisas, no que respeita à historia dos tempos antigos, dos tempos intermediários, e dos tempos modernos, me mostraram a existência do magnetismo humano em todas as épocas, desde a antiguidade até nossos dias.

Era para mim *um sinal dos tempos* essa manifestação geral quase simultânea, em todos os pontos de globo, do espírito novo, o sinal do advento de uma nova era, como já o tinham pressentido o conde de Maistre em suas Soirées de Saint Pétersbourg e Lamennais, em 1832, na carta, que foi publicada, por ele dirigida à condessa de Senfft, esposa do embaixador da

Áustria em Roma, era destinada a realizar a renovação moral dos homens e a transformação universal da sociedade humana.

Na véspera do dia 24 de junho de 1861, eu rogara a Deus, no sigilo de uma prece fervorosa, que permitisse ao espírito de João Batista manifestar-se por um médium, que se achava então em minha companhia e com o qual diariamente me consagrava a trabalhos assíduos. Pedira também a graça da manifestação do espírito de meu pai e do meu guia protetor.

Essas manifestações se produziram espontaneamente, com surpresa do médium, a quem eu deixara ignorante da minha prece. Constituíram para mim uma fonte de alegria imensa, com o me provarem que a minha suplica fora ouvida e que Deus me aceitava por seu servo.

O espírito do apóstolo Pedro se manifestou a 30 de junho, de um modo inesperado tanto para mim como para o médium. Fui mediunicamente prevenido da época em que poderia e deveria publicar essas comunicações de tão alto interesse.

Em dezembro de 1861, foi-me sugerido ir à casa de Mme. Collignon, que eu não tinha a satisfação de conhecer e a quem devia ser apresentado, para apreciar um grande quadro mediunicamente desenhado, representando um aspecto dos mundos que povoam o espaço.

Lá fui. Oito dias depois voltei à casa de Mme. Collignon com o intuito de lhe agradecer o acolhimento que me dispensara por ocasião da visita que lhe fizera para ver aquela produção mediúnica. No momento em que me preparava para sair Mme. Collignon sentiu na mão a impressão, a agitação fluídicas bem conhecidas dos médiuns, indicadoras da presença de um espírito desejoso de se manifestar. A instancias minhas, ela condescendeu em se prestar à manifestação mediúnica e, no mesmo instante a mão, fluidicamente dirigida, escreveu o seguinte: “É transitória a época em que vos achais; em toda parte os obreiros da destruição se esforçam para derruir os antigos monumentos, já solapados nas suas bases; outros procuram construir novos monumentos, onde se possam abrigar as almas inquietas; mas em geral, os que destroem, instrumentos inconsciente e irrefletidos, não se preocupam com o que deva substituir o que for destruído; os que tratam de construir não se mostram seguros a respeito das bases em que hajam de assentar o monumento do futuro. A vós, espíritas, e que incubem reunir os materiais esparsos, escolher as pedras boas para sustentarem o edifício do futuro, eliminar cuidadosamente tudo o que do tempo tenha recebido a marca da vetustez e dispor os fundamentos do templo onde a verdade terá seus altares e onde espargirá sua luz.

“Meteei mãos à obra, pois que os espíritos indecisos flutuam entre a dúvida que lhes semeiam nos corações e a fé de que precisam; seus olhos nada mais podem distinguir nas trevas de que os cercaram e buscam no horizonte uma luz que os iluminem e, sobretudo os tranquilize.

“Cumpra que essa luz lhes seja mostrada, porquanto desapareceu a confiança que depositavam nos dogmas da Igreja; falta-lhes esse apoio. Apresentai-lhes o esteio sólido da nova revelação.

“Que eles enfim conheçam que o Cristo, essa nobre e grandiosa figura que lhes foi mostrada pairando, do alto da cruz ignominiosa, sobre o mundo, não é um mito, uma legenda. Mostra-lhes também que o véu em que os envolveram é que o roubaram aos olhares deles, não lhes permitindo ver mais do que uma forma indecisa, incapaz de lhes satisfazer à razão.

“Mostrai-lhes que os milagres, proclamados maquinalmente por uns e negados por outros sistematicamente, são atos naturais derivados do curso ordinário das leis da natureza e cuja impossibilidade só existe na ignorância do homem relativamente a essas leis.

“A vós, pioneiros do trabalho, cabe a tarefa de preparar os caminhos enquanto esperais que aquele que há de vir para traçar o roteiro comece a sua obra.

“Com esse objetivo nós, ó bem amados, vimos incitar-vos a que empreendais a explicação dos Evangelhos em espírito e verdade, explicação que preparara a unificação das crenças entre os homens e a qual podeis dar o nome de Revelação da revelação.

“São chegados os tempos em que *o espírito que vivifica* substituirá a letra que produziu seus frutos, de acordo com as fases e as condições do progresso humano, e que *agora mata*, se mal interpretada.

“Ponde-vos à obra; trabalhai com zelo e perseverança, coragem, atividade e não esqueçais nunca que sois instrumentos de que Deus se serve para mostrar aos homens a verdade; aceitai com simplicidade de coração e reconhecimento o que o Senhor vos dá; tende sempre nos vossos pensamentos e atos a humildade, a caridade, a abnegação, o amor e o devotamento aos vossos irmãos e sereis amparados e esclarecidos.

“Quando todos os materiais estiverem reunidos e for chegado o momento de se tornar conhecida, de publicar esta obra, destinada a congregar todos os dissidentes de boa fé, ligando-os por um pensamento comum, sereis prevenido. - dezembro de 1861 – Mateus, Marcos, Lucas, João, assistidos pelos apóstolos”.

Diante dessa manifestação que me concitava a empreender, com o concurso do médium Mme. Collignon, este grande trabalho da revelação, sentimo-nos tomado de uma surpresa imensa, cheio ao mesmo tempo de alegria e do temor de sermos capaz nem digno do encargo que nos era deferido. Perguntei quando devíamos começar e nos foi indicada a semana seguinte.

O trabalho ia ser feito por dois entes que, oito dias atrás, não se conheciam.

Chamados desse modo a executar essa obra da revelação, que certamente de nosso motu-próprio não ousaríamos tentar, incapazes, ignorantes e cegos que éramos, metemos ombros à tarefa.

À medida que a revelação se adiantava, minha alma se ia encontrando cada vez mais presa de admiração ao descobrir todas aquelas verdades e eu dizia: “Disponde de vossa criatura, ó meu Deus; sou vosso, pertenço-vos; meu coração, meu tempo, minha razão, eu os consagro ao vosso serviço; serei feliz, ó soberano Mestre, se, mau grado à minha fraqueza, puder tornar-me na vossas mãos um instrumento útil, que vos conquiste o amor, o respeito, o coração das vossas criaturas.”

Em maio de 1865 todos os materiais estavam preparados, tanto a respeito dos Evangelhos, como dos Mandamentos. O aviso de dar conhecimento aos homens, de publicar a obra da revelação, me foi espontânea e mediunicamente transmitido *em termos precisos*.

Mero instrumento, cumpri um dever executando tal ordem, entregando à publicidade esta obra que propõe em foco a essência de tudo o que há de sublime na bondade e na paternidade de Deus; tudo o que há de devotamento, de abnegação e de sentimentos fraternais em Jesus, chamado o Cristo, que tão bem mereceu o título de salvador do mundo, de protetor da Terra.

A meus irmãos, quaisquer que eles sejam, quaisquer que sejam suas crenças, o culto exterior que professem, corre o dever de não se pronunciarem sobre esta obra senão depois

de a terem lido integralmente e de terem seriamente meditado na explicação dos Evangelhos e dos Mandamentos. Indivisível no conjunto, suas diversas partes são solidárias e mutuamente se apóiam.

O homem, em todas as idades do nosso planeta, passa pela prova de receber ou de repelir a luz que lhe é trazida. Muito se pedirá a quem muito se houver dado. A responsabilidade do espírito esta sempre em correlação com os meios postos ao seu alcance para que ele se instrua e a verdade, para triunfar, para ser aceita, tem de primeiro chocar com as contradições dos homens.

Mas se todo erro esta previamente destinado a perecer com o caminhar dos tempos, dos séculos, do progresso das inteligências; se tal é a sorte dos erros, ainda que uteis relativamente à época em que se produziram, desde que perderam a razão de ser; se tal é sobretudo a sorte dos erros que se impuseram à infância da humanidade segundo a letra, sob a capa do mistério, sob o prestígio do milagre, mas são puramente transitórios e preparatórios do advento do espírito; à toda verdade, pelo contrario, se depara, nos ataques que recebe, um instrumento e um meio de propagação, de triunfo, porquanto a verdade acaba sempre por conquistar entre os homens, definitivamente, o direito de cidade, por obra da liberdade de consciência, de razão, de exame, debaixo da ação do tempo, do progresso das inteligências e das contradições humanas, que, inelutavelmente, ocorrem para fazê-la brilhar em toda a sua pureza e esplendor.

Na obra dos Quatro Evangelhos os ministros do Senhor visam este fim: a ventura da humanidade pela sua purificação da unidade de crenças e a da fraternidade humana pela efetivação das promessas do Mestre, e, enfim, o reino de Deus na Terra, iniciando-nos na lei da unidade e do amor.

Ficai certos, como eu, meus irmãos, de que eles atingirão sua meta.

J. B. ROUSTAING

## CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Antes de entrarmos no âmago do assunto, depois de havermos refletido demoradamente e de termos consultado os visíveis e os invisíveis, vamos expender algumas considerações preliminares, com o propósito de lançar mais luz sobre os *Quatro Evangelhos e os Mandamentos explicados em espírito e verdade* e de tornar mais perceptível o extraordinário alcance de uns e outros.

O acordo intimo destas considerações com a ciência moderna é de molde a chamar a atenção do verdadeiro investigador.

Obedecendo a esse intuito, insistimos com os nossos leitores para bem lhes provarmos a importância do que vai ser exposto.

De suas meditações sobre as pesquisas e os trabalhos de venerados sábios lhes advirá a prova de que havemos procurado paciente e resolutamente a verdade, sem idéias preconcebidas e que a solução do problema mais importante dos tempos que correm não é o resultado de um exame *a priori*, mas de sérios e minuciosos estudos.

## EIS AQUI ESSAS CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES <sup>(1)</sup>

*Deus prove a educação de todas as humanidades, quaisquer que sejam o grau e a ordem a que pertençam.* Prepostos à consecução desse objetivo tem Ele uma multidão de enviados secundários, de precursores, de profetas. Por vezes faz baixar um enviado-primário um Messias tirado das regiões de *Awen* <sup>(2)</sup>, tanto para os globos materiais como para os globos espirituais.

A. Pezzani, falando desses homens divinos, expende os seguintes importantes conceitos: “Pode-se aplicar a um Messias a palavra profunda de São João Evangelista (in propria venit et sui eum non receperunt (Ela veio para a sua casa, mas os seus não a receberam)), se o mundo material em que ele brilha esta pouco adiantado; quando o Messias sobe mais alto, todos, em geral, o acolhem e escutam, o que é bom presságio para o futura de uma humanidade; mais alto ainda, todos o recebem (cuncti recipiunt) o que é sinal de um mundo espiritualmente adiantado.

“O Messias, nos mundos materiais, encarna pelo espírito; nos mundos espirituais pelo *Awen* (ou gênio primitivo). Quanto ao que seja simplesmente a encarnação pelo espírito, totalmente negada pelos homens da nossa pobre Terra, nada podemos dizer, visto não convir que se lhes diga senão o que lhes é útil e o que podem compreender. *Não lances perolas aos porcos, é preceito do Cristo.*”

Na Revelação da revelação os espíritos julgaram conveniente explicar aos homens da nossa época o que é encarnação pelo espírito, servindo as descobertas científicas atuais de base a razões que os empolguem, razões que militam plenamente em favor da teoria exposta pelos espíritos superiores ao autor dos *Quatro Evangelhos explicados em espírito e verdade*. Elas estabelecem o fato importante de que, antes que conhecêssemos as belas experiências dos sábios, proclamados príncipes da ciência pela grei acadêmica da Terra, um homem recebia, já em 1861, revelações cujo alcance havia de ser consagrado pelas descobertas dos nossos físicos, dos nossos eletricitas, dos nossos químicos, dos nossos astrônomos, descobertas sempre corroboradas pela rigorosa verificação, por pesquisas e investigações contínuas.

Filósofos tais como Péqueur, Jean Reynaud, Ch. Fauriéty, A. Pezzani, etc., que entreviram essa grandiosa e soberana verdade, dela não teriam ousado falar, senão depois de obedecerem um critério material pela experiência e com o auxílio de médiuns sujeitos a todas as fiscalizações.

Como não podemos, por nós mesmos, conseguir essa prova física e como, ainda que possuíssemos, poucas pessoas dariam credito às afirmações de J.B Roustaing e de seus amigos, não considerados oficialmente cientistas, muito felizes nos julgamos por encontrarmos essas provas e afirmações nas obras impressas dos sábios, outras da quais vamos citar textualmente alguns trechos preciosos para nós e para nossa obra.

<sup>(1)</sup> Extraído do volume intitulado: *Os Quatro Evangelhos de J.B Roustaing. Respostas a seus críticos e adversários; editadas pelos discípulos de J.B Roustaing.* A venda no livreiro Feret, passagem da Intendência, 15, Bordeaux; e na Livraria das Ciências Psicológicas, 5, rua dès Petits-Champs, Paris, 1882.

<sup>(2)</sup> *Awen* é o gênio primitivo no *idioma gálico*, do País de Gall (Grã-Bretanha). O espírito verdadeiro e puro se eleva no *Awen* de degrau em degrau e, chegado que seja ao *summum* da hominalidade espiritual, torna-se *Awen* e não pode retrogradar. Conquista assim o desenvolvimento particular da perfeição, o tipo de seu gênio primitivo e passa para a classe dos homens divinos. Tal modo de ascensão, para o espírito, conforme aos ensinamentos da grande doutrina druidica de nossos pais os Gauleses.

Antes de fazermos essas citações, pareceu-nos de bom conselho oferecermos à meditação dos leitores os aforismos que seguem e cujo espírito convém guardar. Será, para tudo o que se vai ler um excelente intróito:

*Os fatos são obstinados* (Alfredo Wallace, presidente da Sociedade de Antropologia de Londres)

*Ainda que mo provassem eu não acreditaria* (afirmação dos cientistas e dos tolos).

*Há alguma coisa* (O senso comum)

*Um sábio que ri do possível esta bem perto de ser um idiota* (Victor Hugo).

Os fatos, se as contradizem, são mais uteis do que se apóiam as teorias adaptadas (Humphry Davy, o grande químico).

*A ciência é obrigada, pela eterna lei da honra, a encarar de frente e sem temor todo problema que se lhe possa apresentar* (Sir William Tomsom, no discurso que proferiu em 1871, por ocasião da abertura das sessões da Associação Britânica dos Sábios Ingleses, em Edimburgo, Escócia).

*Eu não disse que isso era possível, disse que era real* (William Crookes, nas Pesquisas sobre o espiritualismo, volume em que afirma suas convicções com consciência e, sobretudo com sinceridade).

## GOLPE DE VISTA

SOBRE A

FENOMENALIDADE DO MODERNO ESPIRITUALISMO

A Sociedade Dialética de Londres, sob a presidência de Sir John Lubbok; sob a vice-presidência do eminente fisiologista Henry Lewes e de um dos mais sábios professores da Inglaterra, Huxle, decidiu em sessão de 6 de janeiro de 1869, que fosse nomeada uma comissão compostas de magistrados, de pastores, de letrados, de cientistas, ao todo trinta e três membros ativos, para estudar os fenômenos do moderno espiritualismo e pulverizar, por meio da investigação e para sempre, os inexistentes fatos espíritas. Ao cabo de dezoito meses de continuados estudos, essa comissão apresentou um relatório, que concluía favoravelmente ao Espiritismo. Entre outros fenômenos citava, citava estes: "... aparições de mãos e de formas não pertencentes a ser humano algum e que, pela ação e pelo movimento, pareciam *vivas*. Essas mãos forma algumas vezes *tocadas* e até *seguidas* pelos assistentes, convictos, conseqüentemente, de que não eram resultado de uma impostura ou de uma ilusão, etc..."

Alfredo Russel Wallace, o grande naturalista inglês, émulo (imitador, concorrente) de Darwin, era um dos membros da celebre comissão de investigação. Vencido pela evidencia, fez na obra que publicou com o titulo *Miracles in modern spiritualism*, uma desassombrada profissão de fé que, na Inglaterra, apaixonou sobremodo os espíritos. Firmava essa obra de sábio consciencioso um nome venerado pelo mundo inteiro.

A. R. Wallace cita estas palavras do professor Augusto de Morgan, presidente da Sociedade de Matemática de Londres, secretario da Real Sociedade Astronômica: "Os espiritualistas sem duvida alguma, estão na trilha que conduz ao adiantamento das ciências físicas; o que se lhes opõem são os representantes dos que tem sido empecilho a todo progresso..."

O mesmo autor ainda insere integralmente na sua obra, a carta que C.F. W Varley (o inventor do condensador elétrico, da telegrafia submarina, engenheiro chefe das companhias de telegrafo internacional e transatlântico) dirigiu ao celebre professor Tyndall e na qual declara que, em pleno dia, depois de mentalmente haver formulado esse desejo, foi *tocado* em todas as partes de corpo. Afirmo também que esses fatos são semelhantes aos que a historia registra como estudados por espíritos audazes, criteriosos e clarividentes, que se colocam muito acima dos prejuízos do século em que viviam e cujos trabalhos tomaram “proporções que, sob vários aspectos, ultrapassaram de muito os nossos atuais conhecimentos”.

Posteriormente a essa carta e malgrado ao seu conteúdo, C. F. Varley foi nomeado membro da Academia Real de Londres. Em França o teriam achincalhado, a Academia das Ciências teria recusado admiti-lo como um de seus membros efetivos.

Na profissão de fé, da qual citaremos um fragmento incerto nos *Miracles in modern spiritualism*, A.R. Wallace diz: “Os fatos me convenceram a aceita-los como fatos, muito antes de me ser possível admitir-lhes a explicação espiritualista.” Esse curioso livro confirma cientificamente as *encarnações espirituais de seres vivos* em presença de muitos investigadores prevenidos, mas que pouco a pouco se tornaram, graças a tais fenômenos, *crentes resolutos*.

M. Oxon, distinto professor da faculdade de Oxford, após cinco anos de experiências continuas, declara haver, exterior ao corpo humano, uma força, uma inteligência reguladora, que produz, todos os fenômenos espíritas, entre outros o da psicografia, sem o auxilio da pena ou do lápis, numa folha de papel em branco, encerrada ou depositada em lugar visível para todos os assistentes e que fica inteiramente escrita.

Estes fatos são obtidos em pleno dia, *ouvindo-se* o ruído do lápis. Semelhante psicografia foi conseguida em lousas trazidas e marcadas por ele, percebendo-se igualmente o ruído do lápis que escrevia, estando as lousas cuidadosamente unidas e diante das testemunhas, todas homens de ciência.

“Essa força, governada por uma inteligência distinta da dos assistentes, diz ele, manifesta a sua ação sem recorrer a nenhum dos métodos conhecidos para escrever, etc.”

Convidamos nossos irmãos a lerem a obra *Psychography* do professor Oxon. Os fatos que ele cita são confirmados por Sergeant Cox, jurisconsulto, filosofo e escritor e por A.R Wallace, seu amigo. <sup>(1)</sup>

<sup>(1)</sup> Esses fatos mediúnicos, comprovados pelos homens mais sábios e inteligentes da Grã-Bretanha, denotam um acontecimento e um advento que os espíritas da escola de Allan Kardec não apreciaram devidamente.

Quando John Lubbock, Henry Lewes, Huxle, Alfred Russel Wallace, Morgan, Varley, Oxon, Willian Crockes e tantos outros *afirmam* que as aparições de mãos e formas, por eles verificadas, não pertencem a nenhum ser humano; que a escrita direta, os contatos de mãos visíveis a todos os assistentes em plena luz, a materialização de um ser espiritual que vive, pensa e age como nós, *são fatos reais* e que só a *existência dos espíritos* pode explicar racionalmente essa ordem de fenômenos, nada mais nos resta que não seja render-nos e meditar.

Agradeço ao Eterno o haver permitido que essas manifestações brilhantes da vida de além-túmulo se produzissem e fossem comprovadas por materialistas e positivistas.

Declarar que tais manifestações são inúteis é falar como a criança que não raciocina, é um indicio de decrepitude intelectual. Esse registro, parece, tem tanto valor quanto o de que se fazem patronos os espíritas.

Os fatos de contatos de mãos e corpos animados provam que os espíritos podem constituir para si um corpo material visível, composto de organismos completos semelhantes aos nossos, conjunto este que aparece e desaparece, se forma e decompõe à vontade dos mesmos espíritos. Esta é uma verdade extremamente importante.

Nos *Quatro Evangelhos* de ROUSTAING, os espíritos revelam, afirmam e explicam essa verdade.

Willian Crookes, o homem eminente que descobriu o *Tallium* e a *Matéria radiante* autor do *Grande Dicionário Inglês de Química*, escreveu: “Preciso ainda ser convencido de que *não é racional* nos esforcemos por descobrir as causas dos fenômenos inexplicados. Referirei apenas o que vi e o que me foi *demonstrado por experiências provadas e comprovadas.*”

Trata-se unicamente de experiências físicas materiais e matemáticas e de uma contraprova seria e efetiva.

Assim: 1º, ele pesa, com uma balança cuja sensibilidade vai ao extremo de acusar peso inferior mil vezes ao de um grão de cereal, a força desconhecida que intervém na experiência e essa força física suspende até 50 e 100 quilos; 2º comprova a alteração do peso dos corpos, assim como a execução de trechos musicais sem a possibilidade da intervenção do contato de uma força humana direta; 3º, movimento de corpos pesados, com ou sem contato; 4º fenômenos de percussão e outros sons da mesma natureza; 5º, aparições luminosas; 6º, aparição de mãos em plena luz, em pleno dia; algumas vezes “a mão, de uma perfeição completa, parece animada e muito graciosa, os dedos se movem e a carne se afigura tão humana como em todas as pessoas presentes, tornando-se vaporosa na altura do braço, para afinal acabar tudo numa nevoa luminosa <sup>(1)</sup>”; 7º, escrita direta; 8º, formas e figuras de fantasmas, uma das quais, partindo de um dos cantos da sala, tomou de um acordeom e percorreu-a tocando esse instrumento; esteve visível durante muitos minutos; o médium era o também para todos os assistentes; o fantasma se aproximou de uma senhora que o fez desaparecer soltando um grito; 9º, caso indicador da ação de uma inteligência exterior; 10º, diversas manifestações de caráter complexo. Uma aparição luminosa pairava por sobre um ramo de flores colocado ao centro de uma mesa; à vista de todos, uma haste, longa de quinze polegadas, do arbusto que formava o centro do ramo se elevou lentamente do meio das outras flores e em seguida baixou sobre a mesa e lhe atravessou a taboa, vendo-o todos, até o momento em que ficou inteiramente do lado oposto da mesa.

“Uma mão que saía de debaixo desta e que empunhava o arbusto bateu por três vezes no ombro de uma senhora, etc. etc.” Era a resposta a uma conversação que precedera ao fenômeno e durante a qual se debatera esta questão: “É impossível à matéria atravessar a matéria?”

Chegamos ao fato capital, ao aparecimento, em plena luz, de Katie King, uma jovem de grande estatura, vestida, bela, muito viva, loira, de tez clara. O médium era, ao contrario, uma rapariga baixa, morena, de cabelos pretos. Katie King viveu assim *três anos na Terra*. Seu médium, Miss Florence Cook, passava semanas inteiras em casa de Willian Crookes, que fazia experiências no seu laboratório, quase sempre cercado de investigadores tão severos como ele, de pesquisadores das verdades científicas. Miss Cooke uma vez em transe, o espírito de Katie King se materializava, tomava um corpo humano nitidamente concretizado, com órgãos, sentidos, aparelho ossoso completo. Conversava com Mrs. Crookes e com os filhos desta, aos quais contava histórias e se prestava às experiências do grande físico.

Havia numa sala, a um canto fechado por meio de reposteiros, um *gabinete*, como se diz na Inglaterra, isto é um compartimento espaçoso bastante para conter um canapé, no qual o médium adormecia “sob desconhecida influencia” (para nós – sob a ação fluídica dos

(1) Ler: *Recherches sur le spiritualisme*. Um volume com gravuras, 3 fr 50, na Livraria das Ciências Psicológicas – 5 Rua de Petits Champs, Paris.

espíritos). O reposteiro se entreabria e Kate King se mostrava aos presentes. Daqui por diante reproduziremos textualmente a narrativa de Willian Crookes:

“Havia já algum tempo eu me entregava a experiências com uma lâmpada fosfórica que consistia numa botelha de seis a oito onças contendo um pouco de óleo fosforado e arrolhada solidamente. Tinha razões de esperar que à luz dessa lâmpada, alguns dos misteriosos fenômenos do gabinete poderia tornar-se visíveis e Katie contava também obter o mesmo resultado.

“A 12 de março, durante uma sessão em minha casa e depois de haver caminhado por entre nós, de nos falar por algum tempo, Katie passou para traz do reposteiro que separava meu laboratório, onde se achavam reunidos os assistentes, da minha biblioteca que temporariamente, fazia o papel de gabinete. Ao cabo de um momento, ela afastou o reposteiro e me chamou, dizendo: “Entre aqui e levante a cabeça do meu médium que escorregou para o chão.” Katie estava então na minha presença, com seu habitual vestido branco e trazendo à cabeça o seu turbante.

“Imediatamente me dirigi para a biblioteca a fim de levantar do chão Miss Cook e Katie se afastou para o lado a fim de me deixar passar. Com efeito, Miss Cook havia escorregado do canapé e, ao fazer isso, notei com viva satisfação, mau grado à obscuridade, que as vestes de Miss Cook não eram idênticas às Katie, pois que vestia um *costume ordinário de veludo preto* e se achava imersa em *profunda letargia*. Três segundos não tinham decorrido entre o instante em que eu vira Katie vestida de branco diante de mim e o em que deixei Miss Cook novamente no canapé, tirando-a da posição em que ficara.

“Voltando ao meu posto de observação, Katie reapareceu e disse que julgava poder conseguir que eu a visse e ao médium ao mesmo tempo. Diminui-se a luz do gás e ela me pediu a lâmpada fosfórica. Depois de se haver mostrado por alguns segundos à claridade dessa lâmpada, entregou-me dizendo: - “Agora entre e venha ver o meu médium.” Acompanhei-a a biblioteca e, à luz da lâmpada, vi Miss Cook repousando no sofá, exatamente como eu a deixara. Olhei em torno de mim procurando Katie, porem esta desaparecera. Chamei-a, mas ninguém me respondeu.

“Reocupe o meu lugar e Katie logo apareceu e me declarou que estivera durante todo o tempo de pé junto de Miss Cook. Perguntei então se ela própria não poderia tentar uma experiência e, tomando-me das mãos a lâmpada, penetrou de novo no gabinete, pedindo-me que por enquanto não olhasse para lá. Passados alguns minutos, restitui-me a lâmpada, dizendo-me que nada pudera conseguir, que esgotara todo o fluido do médium, mas que doutra feita renovaria a experiência. Meu filho mais velho, um rapaz de quatorze anos, assentado defronte de mim, numa posição de onde podia observar o que se passava atrás do reposteiro, me referiu que vira distintamente a lâmpada como que flutuando no espaço por cima de Miss Cook e iluminando-a no sofá onde se achava deitada, mas que não lograra divulgar quem segurava a lâmpada.

“Passo agora à sessão realizada ontem à noite. Jamais Katie se mostrou tão perfeitamente. Por perto de duas horas passeou pela sala, conversando familiarmente com os que aí se achavam reunidos. Muitas vezes tomou meu braço, caminhando, e a impressão experimentada por mim de estar ao meu lado uma mulher viva e não *um visitante do outro mundo* foi tão forte que me assaltou irresistível a tentação de repetir uma recente e curiosa experiência.

“Considerando que, se não tivesse perto de mim um espírito, teria quando menos uma senhora, pedi-lhe permissão para tomá-la nos braços, a fim de me ser possível verificar as interessantes observações que um experimentador ousado recentemente relatara de modo um tanto prolixo. Essa permissão me foi graciosamente concedida e eu dela me utilizei – guardando todas as conveniências, como o faria, em tais circunstancias, qualquer homem bem educado. – Pude assim me certificar de que o fantasma (o que, alias, nenhuma resistência opôs) era um *ser tão material* como a própria Miss Cook.

“Disse então Katie que dessa vez se julgava capaz de se nos mostrar ao mesmo tempo que Miss Cook. Diminui-se a luz do gás e, em seguida, munido da lâmpada fosfórica penetrei no aposento que servia de gabinete. Previamente pedira a um de meus amigos, Labil, estenografo, que apanhasse quaisquer observações que eu fizesse enquanto me achasse naquele aposento, pois conheço a importância dada às primeiras impressões e não queria confiar, mais do que fosse necessário, na minha memória.

“Entrei com precaução no gabinete. Completa sendo ai a escuridão, só tateando pude chegar até Miss Cook. Encontrei-a acorada no chão.

“Ajoelhando-me, deixei que o ar penetrasse na minha lâmpada e à sua luz vi que a jovem trajava um vestido de veludo preto, o mesmo que trazia ao começar a sessão, parecendo estar completamente insensível. Peguei-lhe na mão e não se mexeu. Coloquei-lhe a lâmpada muito perto do rosto e continuou a respirar tranquilamente.

“Elevando a lâmpada, olhei à volta de mim e *vi Katie* junto a Miss Cook, por traz dela. Trazia umas vestes brancas flutuantes, que já viramos no correr da sessão. Segurando uma das mãos de Miss Cook, ajoelhei-me de novo, elevei e abaixei a lâmpada, não só para iluminar toda a figura de Katie, como também para ter toda a convicção de estar *vendo, de fato, a Katie real* que poucos momentos antes apertara nos meus braços e não um fantasma criado por um cérebro doente. Ela não falou, mas moveu a cabeça em sinal de reconhecimento. Por três vezes examinei cuidadosamente Miss Cook agachada diante de mim para me certificar de que a mão que eu segurava era efetivamente de uma mulher viva e três vezes voltei a lâmpada para Katie a fim de examiná-la com demorada atenção, de modo a não me restar a menor duvida de que *ela efetivamente ali estava defronte de mim*. Por fim, Miss Cook mexeu-se ligeiramente e logo Katie me acenou que saísse. Retirei-me para o outro lado do gabinete e deixei de ver Katie mas permaneci no aposento até o instante em que Miss Cook foi despertada e dois dos assistentes ali entraram com luzes.

“Antes de terminar este capítulo, desejo tornar conhecidas algumas diferenças que observei entre Miss Cook e Katie. A estatura de Katie varia: já a vi mais alta seis polegadas do que Miss Cook. Ontem à noite, descalça e mantendo-se nas pontas dos pés, tinha quatro polegadas e meia do que o médium. Trazia o pescoço nu e a pele se reconhecia ser perfeitamente lisa, que pelo tato, quer pela vista, ao passo que Miss Cook tem no pescoço uma cicatriz que, em circunstancias idênticas, se distingue claramente e é áspera ao tocar. As orelhas de Katie não são furadas, enquanto que Miss Cook habitualmente usa brincos. A tez de Katie é muito alva, a de Miss Cook muito morena. Os dedos de Katie são muito mais longos do que os de Miss Cook e o seu rosto também é maior. Nos ademanes de uma e outra e nos modos de se exprimirem, há, igualmente, acentuadas diferenças.”

Às suas primeiras aparições, Katie King, que dentro em pouco tomará outro nome, anunciara que não poderia ficar com seu médium por mais de três anos; que ao cabo desse

tempo, lhe daria adeus para sempre. Os três anos se completaram quinta, 24 de maio de 1874. W. Crookes assistiu à sessão de despedida.

Retomemos a sua narrativa:

“Durante a semana que precedeu a sua partida, Katie realizou sessões em minha casa quase todas as noites, para me dar ensejo de a fotografar à luz artificial. Cinco aparelhos fotográficos completos foram preparados para esse fim. Consistiam em cinco câmaras, sendo uma do tamanho da chapa inteira, uma do de meia chapa, uma do de um quarto de chapa e duas estéreos copicas binoculares, a quais todas tinham que visar Katie, ao mesmo tempo, sempre que ela posasse para ser fotografada. Cinco banhos reveladores e fixadores foram empregados e grande numero de chapas preparadas com antecedência, de modo a não haver hesitação, nem demora nas operações fotográficas, que eu próprio executava ajudado por um auxiliar.

“Minha biblioteca serviu de câmara escura. Tinha ela uma porta de duas folhas que se abriam para o laboratório. Tirou-se dos gonzos uma dessas folhas e um reposteiro a substituiu, a fim de que Katie pudesse entrar e sair facilmente. Os amigos que assistiam aos trabalhos sentavam-se no laboratório defronte ao reposteiro e os aparelhos fotográficos eram colocados um pouco atrás deles, prontos para fotografarem Katie quando saísse e a apanharem igualmente o interior do gabinete, de cada vez que o reposteiro se erguesse para aquele fim. Todas as noites havia três ou quatro exposições de chapas, o que dava pelo menos quinze provas por sessão. Algumas se perderam ao serem reveladas, outras ao regular-se a luz. Apesar de tudo, tenho quarenta e quatro negativos, uns medíocres, outros nem bons nem maus e outros excelentes.

“Katie recomendou a todos os assistentes que permanecessem sentados e observassem essa condição, que só a mim não atingia, por isso que desde certo tempo ela me permitia fazer o que quisesse, tocá-la, entrar no gabinete e sair, sempre que me aprovesse. Muitas vezes acompanhei-a ao gabinete e a vi, bem como o seu médium ao mesmo tempo. Mas geralmente, só via o médium em sono letárgico, deitado no soalho: Katie com suas vestes brancas havia desaparecido.

“Nesses últimos seis meses, Miss Cook visitava freqüentemente minha casa, onde algumas vezes passava semanas inteiras. Não trazia consigo mais do que uma pequena mala de mão, que não fechava à chave. Durante o dia estava constantemente junto de Mrs. Crookes, de mim, ou de qualquer dos membros da minha família e não dormia só. Nunca absolutamente teve ensejo de preparar coisa alguma, ainda que grosseira, com que pudesse desempenhar o papel de Katie King. Eu mesmo tudo dispus na minha biblioteca e no meu gabinete. Ordinariamente, depois de ter jantado e conversado conosco, Miss Cook is para o gabinete e a seu pedido eu fechava a segunda porta à chave, guardando esta comigo, enquanto durava a sessão. Abaixava-se então a luz e Miss Cook ficava às escuras.

“Entrando no gabinete ela se deitava no soalho com a cabeça sobre uma almofada e logo mergulhava em letargia. Nas sessões fotográficas, Katie enrolava a cabeça do médium com um xale para evitar que a luz desse no rosto. À miúde levantei um lado do reposteiro estando Katie de pé junto dele. As sete ou oito pessoas reunidas no laboratório podiam ver a um tempo Miss Cook e Katie em todo o brilho da luz elétrica. Não podíamos, é certo, ver o rosto os pés e as mãos. Vimo-la mexer-se penosamente sob o jato de luz intensa e por momentos lhe ouvimos os gemidos. Tenho uma prova fotográfica de Katie e seu médium juntos, aquela porem colocada diante da cabeça de Miss Cook.

“À proporção que mais ativa era a minha parte nas sessões, crescia gradualmente a confiança que em mim depositava Katie, ao ponto de se negar a fazer sessão quando eu não havia tomado as disposições convenientes, dizendo querer ter-me perto de si ou do gabinete. Desde que tal confiança se estabeleceu e que ela se assegurou de que eu manteria as promessas que lhe fizesse, os fenômenos aumentaram muito de valor e obtive provas de que me fora impossível alcançar que se produzissem, caso me aproximasse dela de modo diferente.

“Não raro me interrogava acerca das pessoas presentes às sessões e da maneira por que seriam colocadas, isso pela razão de que nos últimos tempos se tornara muito nervosa em conseqüência de certos impensados conselhos, que me davam, de empregar a força como meio de imprimir às pesquisas feição mais científica.

“Uma das fotografias mais interessantes é a em que estou de pé ao lado de Katie, um de cujos pés descalços assenta em determinado ponto do soalho. Vesti depois Miss Cook como Katie, pusemo-nos, ela e eu, exatamente na mesma posição e fomos fotografados pelas mesmas objetivas colocadas absolutamente como na experiência anterior e iluminados pela mesma luz. Superpondo-se as duas fotografias, as minhas imagens coincidem perfeitamente quanto ao talhe, etc. mas a de Katie se verifica ser mais alta, cerca de meia cabeça, do que a de Miss Cook, junto da qual a primeira parece uma mulher alentada. Em muitas provas a largura do rosto de Katie e a grossura do seu corpo diferem essencialmente das do médium e nas fotografias se notam muito outros pontos de dessemelhança.

“Mas tão impotente é a fotografia para pintar a beleza perfeita do semblante de Katie, como o são as palavras para pintar-lhe o encanto das maneiras. A fotografia pode, é exato, dar o desenho da sua esbelteza; mas, como poderia reproduzir-lhe a pureza brilhante da tez ou a expressão continuamente cambiante de seus traços moveis, ora velados de tristeza, como quando relatava algum amargo acontecimento de sua vida passada, ora sorridentes, impregnados da inocência de uma menina, como quando reunia em torno de si meus filhos e os divertia contando-lhes episódios de suas aventuras na Índia?

“Ultimamente vi Katie tão bem, quanto iluminada pela luz elétrica, que posso juntar alguns traços às diferenças que, em parágrafo anterior, determinei entre ela e o seu médium. Tenho *a mais absoluta certeza* de que Miss Cook e Katie *são duas individualidades distintas*, pelo menos com relação aos corpos. No rosto de Miss Cook se notam em grande número, pequenas marcas que não existem no de Katie. Os cabelos de Miss Cook são de um castanho tão escuro que parecem pretos. Tenho sob os olhos uma madeixa dos de Katie, que me fora permitido cortar da sua cabeleira luxuriante, depois de por ela correr os dedos até a raiz e de me haver certificado de estarem os seus fios solidamente enraizados. É de um lindo castanho doirado.

“Uma noite contei as pulsações de Katie. *Eram muito regulares e em numero de 75*, ao passo que em Miss Cook, poucos instantes mais tarde atingiam a 90 numero que lhe era habitual. Aplicando o ouvido ao peito de Katie, pude ouvir-lhe *bater o coração*, sendo as suas pancadas mais regulares do que as do coração de Miss Cook, em quem, logo após a sessão, repeti a experiência. Examinados pela mesma forma, *os pulmões de Katie* se revelaram mais *perfeitos* do que os do seu médium, pois, na ocasião em que a auscultei, Miss Cook se estava tratando de um forte resfriado.

“Chegado o momento de nos dizer adeus, pedi a Katie o favor de ser o ultimo a vê-la. Depois de ter chamado cada uma das pessoas que compunham a nossa sociedade e de ter

falado a cada uma em particular, deu-nos instruções gerais sobre o modo de futuramente nos dirigirmos e acerca da proteção que devíamos dispensar a Miss Cook. Dessas instruções que foram estenografadas, cito a seguinte: “O Sr. Crookes sempre procedeu bem, por isso é com maior segurança que lhe confio Florence, absolutamente certa de que não desmerecerá da confiança que nele deposito. Em todas as circunstancias imprevistas que se apresentarem, ele poderá fazer mais do que eu, pois tem mais força.”

“Dadas as suas instruções, Katie me convidou a entrar com ela no gabinete e me permitiu ficar lá ate o fim. Cerrado o reposteiro, *conversou comigo* durante algum tempo, depois atravessou o aposento para ir ter com Miss Cook que jazia no chão inanimada. Inclinado-se sobre ela, Katie a tocou e disse: - *Desperta, Florence, desperta! cumpre que agora eu te deixe!*

“Miss Cook despertou e, banhada em lagrimas, suplicou a Katie que ficasse por mais algum tempo. *“Querida, não posso; minha missão esta terminada. Que Deus abençoe a todos!”* disse-nos ela e continuou a falar com Miss Cook. Por alguns minutos conversaram, ate que finalmente, as lagrimas embargaram a palavra de Miss Cook. Obedecendo às instruções de Katie, corri a amparar o médium que ia cair soluçando convulsivamente. Olhei à volta de mim e verifiquei que *Katie e suas vestes brancas tinham desaparecido*. Logo que Miss Cook se acalmou, trouxe a luz e eu a conduzi fora do gabinete.”

Uma testemunha desta sessão confirma nos termos seguintes, a narrativa de W. Crookes, acrescentando algumas particularidades. O assunto é demasiado interessante para que nos furtemos à reprodução dessa carta, mal grado a certas repetições:

“As sete e um quarto da noite, W. Crookes levou Miss Cook para o gabinete escuro, onde ela se deitou no chão, descansando a cabeça numa almofada. As sete e vinte e oito minutos, Katie falou pela primeira vez e as sete e trinta se mostrou fora do reposteiro, na plenitude de sua forma. Trazia um vestido branco, de mangas curtas e sem gola. Os cabelos, que eram compridos e castanho claro, com um tom dourado, lhe caíam em cachos dos dois lados da cabeça e ao longo das costas até a cintura. Trazia também extenso véu branco que só uma ou duas vezes lhe cobriu o rosto durante a sessão.

“Era de merinó azul claro o vestido do médium. Por quase todo o tempo da sessão Katie se conservou em pé defronte se nós. Afastado como se achava o reposteiro do gabinete, todos podíamos ver distintamente o médium adormecido, com o rosto coberto por um véu de cor vermelha, a fim de estar protegido contra a luz. Não saíra da posição que tomara desde o começo da sessão, que se realizou, do principio ao fim, à viva claridade da luzes. Katie falou de sua próxima partida e aceitou *um ramo* de flores que o Sr. Tapp lhe trouxera, assim como alguns lírios oferecidos pelo Sr. Crookes. Convidou o Sr. Tapp a desatar o ramo e a colocar as flores diante dela no tapete. Sentou-se à moda turca e nos pediu que fizéssemos o mesmo, rodeando-a. Dividiu então as flores e a cada um deu um raminho atado por uma fita azul.

“Escreveu cartas de adeus a algumas pessoas amigas, assinando-as “Annie Owen Morgan” e dizendo ter sido este o nome de que usara na sua ultima existência terrena. Escreveu ainda uma carta a seu médium e escolheu um botão de rosa para lhe oferecer como presente de despedida. Pegou de uma tesoura, cortou uma mexa de seus cabelos e a distribuiu por todos. Depois, tomou do braço do Sr. Crookes e deu uma volta pela sala, apertando a mão a cada um de nós. Sentou-se novamente, cortou diversos pedaços do vestido e do véu e com eles também nos presenteou. A vista dos grandes buracos que assim

fizera nas vestes, perguntaram-lhe, enquanto assentada entre o Sr. Crookes e o Sr. Tapp, se poderia recompor a fazenda, como em outras ocasiões. Ela então, colocando diante da luz, a parte cortada do vestido, bateu-a com a mão e, no mesmo instante, essa parte se tornou tal qual era anteriormente. Os que mais próximos lhe estavam examinaram e pegaram a fazenda, com sua permissão, e afirmaram que não existia buraco, nem costura, nem emenda, onde pouco antes, tinham visto furos de muitas polegadas de diâmetro.

“Deu em seguida suas ultimas instruções ao Sr. Crookes e aos outros amigos sobre a conduta que deveriam ter no tocante às ulteriores manifestações que prometia com o auxílio de seu médium. Essas instruções foram apanhadas cuidadosamente e entregues ao Sr. Crookes. Depois disso, pareceu-nos fatigada e dizia tristemente que queria partir, que a sua força diminuía. Reiterou todos os seus adeuses do modo mais afetuoso. Os assistentes lhe agradeceram as maravilhosas manifestações que produzira.

“Dirigindo aos seus amigos um ultimo olhar grave e pensativo, deixou cair o reposteiro e se tornou invisível. Ouvimo-la despertar o médium, que, chorando lhe pedia ficasse ainda um pouco mais. Katie porem, lhe disse: “Querida, não posso; minha missão esta cumprida. Que Deus te abençoe!” E aos nossos ouvidos chegou o som do beijo com que rematou aquelas palavras. O médium pouco depois se nos apresentou esgotado inteiramente e profundamente consternado.

“Katie dizia que dali em diante não mais lhe seria dado nem falar, nem *mostrar o rosto*; que produzindo durante três anos aquelas manifestações físicas passara *uma vida bastante penosa, a fim de expiar suas faltas*; que só de longe em longe se corresponderia por escrito com o seu médium, mas que este poderia vê-la sempre por meio de lucidez magnética.”

Depois das afirmações escritas de WILLIAN CROOKES, membro da Sociedade Real de Londres, poderíamos também chamar em nosso auxilio o grande juiz EDMONDS, primeiro magistrado dos Estados Unidos; ROBERT HARE, professor na Universidade da Pensilvânia, celebre filosofo que publicou em 1856 uma obra intitulada: “*Experimental investigation of spirit manifestation*”, obra que na America do Norte obteve êxito ainda maior do que o volume, sobre o mesmo assunto do juiz EDMONDS; o professor MAPES; ROBERT DALE OWEN, sábio que goza da especial fama de escritor bem conhecido na língua inglesa e cujo livro, prenhe de idéias elevadas e engenhosas apreciações sobre o Espiritismo, se imprimiu em Filadélfia no ano de 1877, sob o titulo original: “*Incursões na fronteira de um outro mundo*” (*Foot falls on the boundary of another world*); enfim outros grandes nomes americanos, pois só teríamos que escolher.

Todos esses pesquisadores respeitados e conscienciosos nos viriam provar, por uma série imensa de outros fatos que espíritos como Katie King aparecem, de São Francisco a New York em todas as cidades americanas, com o mesmo caráter de identidade, no curso de investigações serias e continuadas.

Na Alemanha poderíamos invocar os testemunhos de ZOLLNER <sup>(1)</sup>, ilustre astrônomo de Leipzig, dos professores Windt, Weber e Fechner, todos homens de ciência bastante conhecidos.

Na França apontaríamos a alta competência e a escrupulosa veracidade de GODIN,

(1) Ler os Scientific Papers de Zollner (Wissenschaftliche Abhandlungen) onde se encontra a narração de suas experiências mediúnicas, todas muito interessantes e concludentes.

grande industrial, antigo deputado e fundador do *Famisterio de Guise*. Contentamo-nos, porem com as aparições de *Katie King*, que por si sós bastam para esteiar solidamente a nossa argumentação, porquanto tem a corroborá-las as afirmações de sábios ingleses, alemães e americanos.

Se alguns espíritos, como enviados de ordem secundaria, vêm até nós para nos instruírem a respeito de tudo o que concerne aos seus corpos espirituais, às condições que deve apresentar a mediunidade para materializações, para a *formação tangível dos fluidos* e a respeito da maneira de nos servirmos deles (podendo os mais inferiores desses espíritos dar lições, neste terreno, aos nossos maiores sábios, por isso que adquirem, à medida que se adiantam, uma experiência mais ou menos larga depois que se transformam), é que, sem duvida, os *tempos são chegados*, para a nossa humanidade, de penetrar nessa nova ordem de coisas, que derroca todas as idéias correntes sobre a *formação dos corpos*.

O método de que usam os enviados primários de Deus, os Messias, *que se encarnam pelo espírito* em um mundo material como o nosso, gerou disputas seculares, guerras insensatas entre os homens, por não procurarem aprofundar a lei. Foi um motivo de profundas discórdias e, atualmente, a grande luta moderna, entre a ciência que quer o livre exame e a religião dos infalibilistas, se tornou um conflito ameaçador para todas as nossas liberdades civis e, sobretudo, para a educação e a instrução populares, diretamente objetivadas pelos *Syllabus* <sup>(1)</sup> dos católicos.

Sim, o advento da solidariedade e da fraternidade humanas repousa no dogma, que uns repelem e outros aclamam: o *milagre* mediante o qual a Virgem Maria *imaculada concebeu por obra do Espírito Santo*. A igreja romana exige que todos se inclinem diante desse dogma contemporâneo, que ela aceitou e sancionou.

A essa pretensão de uma fé absoluta, sem peias, em que o que é promulgado pelo papa o é por Deus, de quem ele se considera representante e em cujo nome *obra virtualmente*, responde a ciência moderna negando Deus e o poder papal, considerando toda revelação como uma alucinação dos sentidos, como uma nevrose que a medicina deve tratar com duchas.

A doutrina católica favorece o ceticismo com o pretender possuir a verdade inteira, substituir em toda a parte a ciência pela crença, conhecer de modo integral, absoluto, a *essência eterna de Deus*.

(1) Relativo as 80 tese do Papa Pio IX de 8 de dezembro de 1864 que condenavam as principais liberdades modernas.

---

## DO CARÁTER E DA IMPORTÂNCIA da Revelação da Revelação como abridora da fase teológica Sua oportunidade “manifesta e incontestada”

---

Resposta ao artigo de Allan Kardec  
(Revista Espírita, de junho de 1867)

---

Os Quatro Evangelhos, explicados em espírito e em verdade pelos Evangelistas com a assistência dos apóstolos e de Moisés, tem a pretensão de concorrer para o apaziguamento do moderno conflito entre a ciência e a religião, explicando racionalmente o que é a *encarnação do Cristo* na Terra, de um modo acorde com a ciência e que afasta a eterna questão dos milagres *por obra do Espírito Santo*.

Em 1861, J.B Roustaing foi espontaneamente escolhido para começar a obra teológica, cuja fase importante lhe coube abrir (mas que não encerra; ele diz ABRIR, não esqueçamos esta palavra) pondo em ordem as revelações recebidas a partir do mês de dezembro de 1861 até ao de maio de 1865. Em 1866 publicou os três volumes dos Quatro Evangelhos e ofereceu um exemplar a Allan Kardec, que, na sua Revista, em junho de 1867 (Editora IDE edição de 1993 Trad. Salvador Gentile o artigo se encontra em junho de **1866**), apreciou a obra pela maneira seguinte:

### Noticias bibliográficas

#### OS EVANGELHOS EXPLICADOS Pelo Sr. Roustaing <sup>(1)</sup>.

<sup>(1)</sup> Os quatro Evangelhos, seguidos dos mandamentos explicados em espírito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos. Recolhidos e colocados em ordem por J.B.Roustaing, advogado da corte imperial de Bordeaux, antigo chefe da ordem dos advogados. - 3 vol. in-12. - Preço: 10 fr. 50. - Paris, Livraria Central, 24, boulevard des Italianos. - Bordeaux, todas as livrarias.

“Esta obra compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com ajuda de comunicações ditadas pelos Espíritos. É um trabalho *considerável*, e que tem, para os Espíritas, o mérito de não estar, sobre nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada por *O Livro dos Espíritos* e *o dos Médiuns*. As partes correspondentes àquelas que tratamos em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* o são num sentido análogo. De resto, como nos limitamos às máximas morais que, quase sem exceção, são geralmente claras, elas não poderiam ser interpretadas de diversas maneiras; também foram o assunto de controvérsias religiosas. Foi por esta razão que começamos por ali a fim de ser aceito sem contestação, esperando para o resto que a opinião geral estivesse mais familiarizada com a idéia espírita.

O autor dessa nova obra acreditou dever seguir um outro caminho; em lugar de proceder por graduação, quis alcançar o objetivo de um golpe. Tratou, por certas questões que não julgamos oportuno abordar ainda, e das quais, conseqüentemente lhe deixamos a responsabilidade, assim como aos Espíritos que os comentaram. Conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa caminhada sobre o desenvolvimento da opinião, não daremos, até nova ordem, às suas teorias, nem aprovação, nem desaprovação, deixando ao tempo o cuidado de sancioná-las ou de contradizê-las. Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais aos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todos os casos, têm necessidade da sanção do controle universal, e até mais ampla confirmação não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita.

Quando tratarmos essas questões, o faremos sem cerimônia; mas é que, então, teremos recolhido os documentos bastante numerosos, nos ensinados *de todos os lados* pelos Espíritos, para poder falar afirmativamente e ter a certeza de estar *de acordo com a maioria*;

é assim que fazemos todas as vezes que se trata de formular um princípio capital. Nós os dissemos cem vezes, para nós *a opinião de um Espírito*, qualquer que seja o nome que traga, não tem senão o valor de uma opinião individual; nosso *critérium* está na *concordância universal*, corroborada por uma rigorosa lógica, para as coisas que não podemos controlar por nossos próprios olhos. De que nos serviria dar prematuramente uma doutrina como uma verdade absoluta, se, mais tarde, ela devesse ser combatida pela generalidade dos Espíritos?

Dissemos que o livro do Sr. Roustaing não se afasta dos princípios de *O Livro dos Espíritos e o dos Médiuns*; nossas observações levam, pois, sobre a aplicação desses mesmos princípios à interpretação de certos fatos. É assim, por exemplo, que dá ao Cristo, em lugar de um corpo carnal, um corpo fluídico concretizado, tendo todas as aparências da materialidade, e dele faz um *agêneré*. Aos olhos dos homens que não teriam podido compreender, então, sua natureza espiritual, teve que passar *EM APARÊNCIA*, essa palavra é incessantemente repetida em todo o curso da obra, para todas as vicissitudes da Humanidade. Assim se explicaria o mistério de seu nascimento: Maria não teria tido senão as aparências da gravidez. Este ponto, colocado por premissa e pedra angular, é a base sobre a qual se apóia para explicação de todos os fatos extraordinários ou miraculosos da vida de Jesus.

Sem dúvida, não há aí nada de materialmente impossível para quem conhece as propriedades do envoltório perispiritual; sem nos pronunciar pró ou contra essa teoria diremos que ela é ao menos hipotética, e que, se um dia ela fosse reconhecida errada, a base sendo falsa, o edifício desmoronaria. Esperamos, pois, os numerosos comentários que ela não deixará de provocar da parte dos Espíritos, e que contribuirão para elucidar a questão. Sem prejudicá-la, diremos que já foram feitas objeções sérias a essa teoria, e que, na nossa opinião, os fatos podem perfeitamente se explicar sem sair das condições da Humanidade corpórea.

Estas observações, subordinadas à sanção do futuro, não diminui nada a importância dessa obra que, ao lado das coisas duvidosas do nosso ponto de vista, delas encerra, incontestavelmente, boas e verdadeiras, e será consultada proveitosamente pelos Espíritos sérios.

Se o fundo de um livro é o principal, a forma não é de se desdenhar, e entra também por alguma coisa no sucesso. Achamos que certas partes são desenvolvidas muito longamente, sem proveito para a clareza. Na nossa opinião, se, limitando-se ao estrito necessário, ter-se-ia podido reduzir a obra em dois, ou mesmo em um único volume, teria ganhado em popularidade. – Allan Kardec

Em junho de 1867(?), já estávamos longe do ano de 1861, época na qual Allan Kardec dizia, à pagina 123 do *Livro dos Médiuns*: “Não *preconizamos* nem *criticamos* obra alguma, por não querermos de nenhum modo influenciar a opinião que dela se possa formar; trazendo nossa pedra para o edifício, colocamo-nos nas fileiras. Não nos pertencem ser juiz e parte e não alimentamos a ridícula pretensão de ser o único distribuidor da luz; toca ao leitor separar o *bom do mau, o verdadeiro do falso.*”!

Três vezes imprimimos esta linguagem de ouro para bem conservarmos na memória.

Aplicando o nosso método de critica ao artigo de junho de 1867(?), ai vamos encontrar tudo o que apresentamos à consideração dos leitores a propósito da introdução de *O Evangelho Segundo O Espiritismo*. Tudo esta lá: o fundo e a forma, o ostracismo e a

infallibilidade. É a aplicação do sistema preconcebido a uma obra à que se faz desde logo o mais belo *enterro de primeira classe* que se pudera desejar.

Na França, em geral, pouco se lê. Os espíritas, habituados, na sua maioria, a aceitar tudo, disseram: O *chefe*, o *mestre* certamente aplicou a sua contraprova universal aos três volumes de J.B ROUSTAING. Não podemos, por conseguinte comprar nem ler *uma obra inútil*.

Mau grado ao prudente e judicioso emprego que ALLAN KARDEC fazia do seu *criterium infalível* (nosso caso o prova), estamos certos de que esse *criterium* carecia de exatidão. Disse-o por escrito o Sr. Dambel, que foi seu secretario e seu médium preferido. E o Sr. Canu, secretario das sessões da Sociedade, homem honesto, natureza franca, não querendo aceitar a responsabilidade do que sabia ser assim, procedeu do mesmo modo, bem como outros espíritos livres, que os imitaram. <sup>(1)</sup>

O que ele chamava de *contraprova universal*, corroborada por uma rigorosa lógica, lhe pregava dessas partidas. Não somente estava em desacordo com a ciência moderna como ainda teria passado por fundas decepções se vivera bastante para ver provado por R. WALLACE, HARE, VERLEY, CROOKES, WEBERT, ZOLLNER, etc., que um espírito sem ser um agênere, pode tomar um corpo fluídico, concretizado, tangível e no qual se observam a circulação do sangue e todas as aparências da vida; que esse corpo fluídico se desagrega tão depressa quanto se concretiza, exatamente como o fez durante três anos o espírito de *Kate King*, *enviado secundário*, que desempenhava no seu dizer, uma dolorosa missão, necessária ao seu adiantamento espiritual.

ALLAN KARDEC, nas suas conversações e nos seus escritos, manifestava a pretensão de acoimar de Docetismo (doutrina errônea e falsa e condenada) tudo o que tendesse a provar que o Cristo teve apenas um corpo fluídico durante sua permanência na Terra. Os *Quatro Evangelhos* de J. B Rousstaing eram diretamente objetivados por essa apreciação.

No jornal “La Verite”, PHILALETES falara de Docetismo. ALLAN KARDEC se apoderou desta expressão para aplicá-la à nossa obra.

Vamos responder a essa pretensão, a essa insinuação que, se não é intencional, prova que o autor do sistema preconcebido não conhecia a doutrina dos Docetas, pois que considerava semelhante à nossa.

A revelação feita pelos Espíritos Superiores, tendo em vista a obra dos *Quatro Evangelhos* explicados em espírito e verdade, esta de conformidade com as modernas descobertas da ciência, com todas as asserções dos investigadores que vimos de citar.

<sup>(1)</sup> ALLAN KARDEC não era *esclarecido* de um modo *seguro* pelo seu *criteirium* e em muitos casos devera invocá-lo para ser eficazmente, o que não fez a propósito da *Liga de Ensino*. Lemos na *Revista Espírita* (Março e abril 1867) suas respostas um pouco autoritárias às propostas que lhe dirigiu Jean Mace, presidente e criador dessa Liga respostas as quais ele recusava peremptoriamente ocupar-se com uma “questão cuja utilidade não via”. Toda gente conhece hoje a importância dessa *Liga*.

Seu *criterium* devera tê-lo advertido de que, sob o patronato da *Liga do Ensino*, se fundaram em França mais de *seis mil* bibliotecas populares, o que houvera dado milhões de leitores às obras espíritas. Em 1864 o Mestre proferiu o seu *non possumus*.

Por efeito de suas idéias preconcebidas, rejeitava os argumentos e as comunicações espíritas que, antes de Darwin, afirmavam a verdade da *descendência do homem*, bem como a seleção natural e a evolução das espécies, afastando assim da sua Sociedade os pensadores.

ALLAN KARDEC não gostava das manifestações físicas. Com ele aprenderam seus adeptos a lhes ter um santo horror. Pretendia que o corpo de um espírito não podia ser senão *uma aparência fluídica* e que nossa mão *nenhuma resistência experimental* tocando a aparição. O que algures fosse feito sobre esse assunto interessante era tirado para a categoria das balelas yankees. Pode-se ter um *criterium* universal e não se saber tudo, nem tudo prever.

ALLAN KARDEC ignorava esse fato ou conhecia superficialmente, assim como não sabia bem o que era o Docetismo <sup>(1)</sup>.

Esse assunto constituiu a maior preocupação da nossa vida.

Refutaremos a asserção do Sr. ALLAN KARDEC e salientaremos os erros que pululam na correspondência trocada a tal respeito pelos Srs. De Mirville e Philaletes (A. Pezzani, do jornal “La Verite” Lyon).

Philaletes escrevia ao Sr. De Merville: “Aqui esta um escritor espírita que acolhe, de acordo com Espíritos que pretendem ser os dos Apóstolos, o Docetismo, isto é, a velha opinião segundo a qual o Cristo não desceu em carne e osso a este mundo, não tendo o seu corpo mais do que as aparências de um corpo material. Seguir-se-á daí devamos dizer, como vós, que profetizais no quarto volume da obra que publicaste, o ressurgimento do Docetismo que os espíritos autores daqueles ditados, são demônios?

Em tal caso perguntaremos: como esses demônios hão podido escrever, de par com semelhante erro, páginas da mais sublime moral, os mais empolgantes comentários sobre os preceitos evangélicos? Para o triunfo de um *ponto de doutrina, quase insignificante*, iriam eles expor-se a converter os homens e a inspirar o bem? Ora, como Deus nos julga mais pelos nossos atos do que pelas nossas opiniões de boa fé, claro é que o próprio Satã houvera conquistado almas para o Céu.

“São espíritos que, imbuídos dessa opinião, a qual, ainda em nossos dias, conta alguns raros aderentes, a quiseram sustentar e fazer triunfar, atraindo seus irmãos para o bem, mediante excelentes conselhos morais.”

Este artigo do Sr. Philaletes, que se achava sob o império da preocupação, que o dominava, de um argumento contra o *Demonismo* do Sr. De Merville, foi escrito sem que o autor conhecesse o homem a quem designa por estas palavras: “um escritor espírita”. Sem haver ate então lido e meditado suficientemente sobre a obra de J.B ROUSTAING, Philaletes lhe atribui, bem como aos Apóstolos, o contrário do que estes revelaram. Ele desconhecia o caráter e o alcance dessa revelação.

O escritor espírita sabia, muito antes de ter sido eleito para criar os *Quatro Evangelhos*, que o Docetismo é um erro velho, colocado por Matter à frente de todas as heresias segundo a linguagem católica.

Fora um ato absurdo de incredulidade e de ignorância, elevadas a mais alta potencia, aceitar o *Docetismo* como sendo a *Revelação da revelação* feita pelos Evangelistas e pelos Apóstolos, à quiza de explicação dos *Quatro Evangelhos* em espírito e verdade e também da encarnação do Cristo.

(1) **Docetismo** (do grego **δοκέω** [dokeō], "para parecer") é o nome dado a uma doutrina cristã do século II, considerada herética pela Igreja primitiva.

Antecedente do Gnosticismo, defendia que o corpo de Jesus Cristo era uma ilusão, e que sua crucificação teria sido apenas aparente. Não existiam "docetas" enquanto seita ou religião específica, mas como uma corrente de pensamento que atravessou diversos estratos da Igreja.

Esta doutrina é refutada pela Igreja Católica e pelos protestantes com base no Evangelho de São João, onde no primeiro capítulo se afirma que "o Verbo se fez carne". Autores cristãos posteriores, como Inácio de Antioquia e Ireneu de Lião deram os contributos teológicos mais importantes para a erradicação deste pensamento, em especial o último que, na sua obra *Adversus Haereses* defendeu as ideias principais que contrariavam o docetismo, ou seja, a teologia do Cristocentrismo, a recapitulação em Cristo do Homem caído em pecado e a união entre a Criação, o pecado e a Redenção. A origem do docetismo é geralmente atribuída a correntes gnósticas para quem o mundo material era mau e corrompido e que tentavam aliar, de forma racional, a Revelação disposta nas escrituras à filosofia grega. Esta doutrina viria a ser condenada como heresia no Concílio Ecumênico de Calcedônia. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Docetismo>

Matematicamente vamos provar a evidencia o que avançamos:

1º - Precisaremos o que constitui o *Docetismo*, antiga opinião, erro que surgiu no primeiro século da nossa era e que, no segundo, tomou o caráter e as proporções de uma seita, cujo chefe foi *Julio Cassiano*, erro que se renovou no século VI.

2º - Citaremos as próprias palavras daqueles que Philatetes chama – o escritor espírita, palavras que se encontram no prefacio dos Quatro Evangelhos e igualmente as próprias palavras dos espíritos que inspiraram e dirigiram essa obra.

Que os espíritas partidários de MERVILLE e de PHILAETES não esqueçam que Roustaing era advogado e fora o bastonario da advocacia bordeleza, que tanto brilho deu a advocacia francesa. <sup>(1)</sup>

O Sr. Philaletes (A. Pezanni) devia lembra-se de que, em 1860, iniciara no Espiritismo o seu colega Roustaing; de que este com ele penetrou na babel da ortodoxia cristã e perlustrou a historia de suas heresias; de que lhe mostrou o que era Docetismo, levando-o a percorrer-lhe a trajetória com o auxilio das obras de Santo Inácio, de São Policarpo, de Santa Irinéa, de Eusébio (Historia Eclesiástica), de Teodoreto, de Clemente de Alexandria, de Beausobre (Historia do Maniqueísmo), de Bergier, de Feller, de Fluquet, de Matter.

Ambos compreenderam e reconheceram que o Docetismo era um desses numerosos erros devidos à infância da humanidade do Cristo, humanidade que se agitava dentro de seus vários idiomas *sob a obscuridade e o véu da letra*, sob a capa do *mistério*, sob o prestígio do *milagre* <sup>(1)</sup>. Que é o Docetismo? A fim de bem o compreendermos e determinarmos vamos por em confronto a ortodoxia <sup>(2)</sup> com a heresia <sup>(3)</sup>.

Paras os ortodoxos <sup>(4)</sup>, como para os Docetas, um mundo apenas havia na imensidade da criação universal: a Terra; e uma única humanidade: a terrena.

Diziam os dois adversários: dadas a presciência e a sabedoria infinitas de Deus, a dupla revelação feita pelo anjo a Maria e depois a José, como condição e meio do progresso humano, deve ser entendida segundo a letra, deste modo: - A primeira o foi para servir ao *reinado da letra*, ficando a outra sob o *império do espírito*.

Diante destas palavras do apóstolo Paulo: “Ele era sem pai, sem mãe e sem genealogia”, o Cristo era o meio e o instrumento da inteligência em espírito e em verdade, obedecendo sua encarnação ao curso das leis da natureza. <sup>(5)</sup>

<sup>(1)</sup> O Sr. ROUSTAING, nessa época de estudos, anterior à criação dos *Quatro Evangelhos*, nos chamou a atenção para as palavras dos apóstolos Paulo e João, com referência a encarnação do Cristo e a divindade que lhe conferiu a ortodoxia cristã, palavras essas, umas de atualidades, transitórias, precisas ao reino da letra que se havia de prolongar até os nossos dias, como conzinha; outras visando o futuro. Estas últimas, *no reinado do espírito*, teriam de servir de base e de elementos à revelação, porvindora e predita, do espírito da verdade, constituindo a sansão previa dessa revelação. Mais tarde, ele nos ensinava que a *Revelação da revelação* se tornara necessaria e, quando reunia o que lhe fora dado para a criação dos *Quatro Evangelhos*, explicava o que era a luz nova, o *espírito que vivifica* pela destruição de todas as heresias, principalmente das que se achavam em curso quanto à encarnação do Cristo e à divindade que lhe foi atribuída *segundo a letra* (*Nota dos discípulos*).

<sup>(2)</sup> A **Ortodoxia** inclui quaisquer posições, opiniões, padrões ou doutrinas oficiais ou vigentes que uma determinada instituição, organização ou sociedade formulou, aceita e defende. Pode-se dizer que a ortodoxia é a manutenção e defesa do *status quo*. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ortodoxia\\_doutrin%C3%A1ria](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ortodoxia_doutrin%C3%A1ria)

<sup>(3)</sup> **Heresia** (do latim *haerēsis*, por sua vez do grego αἵρεσις, "escolha" ou "opção") é a doutrina ou linha de pensamento contrária ou diferente de um credo ou sistema de um ou mais credos religiosos que pressuponha(m) um sistema doutrinário organizado ou ortodoxo. A palavra pode referir-se também a qualquer "deturpação" de sistemas filosóficos instituídos, ideologias políticas, paradigmas científicos, movimentos artísticos, ou outros. A quem funda uma heresia dá-se o nome de heresiarca. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Heresia>

<sup>(4)</sup> Chama-se Igreja Ortodoxa o grupo de Igrejas orientais que aceitam somente os primeiros sete Concílios. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ortodoxia>

<sup>(5)</sup> Isto se compreende hoje, graças às novas revelações acerca da pluralidade e da hierarquia dos mundos, da pluralidade e hierarquia das existências e das leis naturais que as regem; acerca das palavras do Cristo com relação à sua origem, à sua natureza espiritual e extra humana, ao modo por que se operou o seu aparecimento na Terra. (Nota constante no livro em seu original)

Segundo os ortodoxos “Jesus revestiu um corpo carnal no seio de Maria, mas derogando as leis naturais da procriação e da reprodução em nosso planeta, leis que exigem o concurso dos dois sexos, e isso se deu para que o Homem nascesse da mulher por uma encarnação miraculosa, por obra do Espírito Santo, ou do próprio Deus, criador incriado, único eterno e infinito. Em conseqüência dessa encarnação, o Cristo é filho de Deus, parte destacada, ainda que inseparável, do Pai, igual a Ele; - Homem-Deus provindo do corpo da mulher, revestido de um corpo humano material do planeta e mortal, pois que sujeito à morte humana; - Deus, como parte destacada ainda que inseparável de Deus e igual a Ele, ressuscitado pela volta do espírito ao cadáver humano, tal como o homem do nosso planeta.”

É essa a interpretação literal que os ortodoxos dão a estas palavras do Cristo: “Eu sou Filho de Deus.”

Na opinião dos *Docetas*, “Jesus não se encarnou no seio de Maria, não podia ter vindo *por isso mesmo* e não veio a este mundo numa carne *qualquer*, da qual em suma, só tinha as *aparências*. Espírito, ele desceu do Céu à Terra, sem ter podido revestir, em falta de encarnação humana no seio da mulher virgem, e sem ter de fato revestido corpo algum, sendo que só um corpo humano ele poderia tomar neste mundo, onde, segundo as leis da geração, o homem não nasce senão pelo concurso dos dois sexos. Jesus Cristo *espírito*, com um corpo fantástico, factício, que de carne só tinha as aparências, descera assim à Terra com a aparência de corporeidade humana, de corporeidade *qualquer*”.

Não se tratava, nessa crença dos Docetas, mais do que uma luta, *no terreno da letra*, com os ortodoxos.

A chave da explicação, em espírito e em verdade, segundo o curso das leis da natureza, da encarnação especial do Cristo, faltava aos Docetas como aos ortodoxos. Longos séculos haviam de escoar-se antes que o homem se tornasse capaz de receber e compreender a *Revelação da revelação*, que lhes vem ensinar:

1º - que o puro espírito não pode aparecer em um mundo fluídico, imediatamente inferior às regiões dos fluidos puros que ele habita senão por *encarnação ou incorporação fluídica* voluntária.

2º - que não pode descer ao planeta, superior ou inferior, que o tem por Messias, senão assimilando esse corpo fluídico às regiões que aja de percorrer através das camadas de ar e de mundos intermediários, assimilando-o depois aos fluidos ambientes que servem para a formação do homem planetário.

3º - que esse puro espírito não pode aparecer num planeta senão seguindo o curso das leis naturais, pela ação espírita e magnética.

4º - que, com auxílio da influência magneto-espírita, a concepção, a gravidez, o parto podem ser imitados. A *ação fluídica* da lugar a este notável fenômeno, de maneira a produzir a ilusão completa na mulher virgem e em todos os que testemunham.

5º - que essa ação é útil oportuna necessária para o *aparecimento do Messias*.

Estabelecido precisamente o em que consiste o Docetismo, aceita-lo fora de nossa parte dar guarida a uma absurdidade, praticar um ato de ignorância e de credulidade elevadas à mais alta potencia. Citaremos textualmente o que dizem os Espíritos que inspiraram os *Quatro Evangelhos*, obra única até hoje.

---

Disponham-se agora os nossos leitores a seguir com atenção constante tudo o que dizemos em nome dos Espíritos reveladores. Nestas explicações está a chave de todos os fenômenos apresentados aos sábios do mundo inteiro para fazê-los refletir sobre o fato de que *a vida* não provem unicamente do *jogo das moléculas materiais* reunidas para esse fim,

de que só o elemento espiritual domina e opera esse jogo, de que só o elemento modela à vontade as moléculas, por processos que somos chamados a conhecer.

Ai reside, parece-nos, a solução do mais importante problema da nossa época.

Por efeito de meditações sobre a encarnação do Cristo e da leitura do Antigo e do Novo Testamentos, reconhecemos que o que se nos dava, o que se nos revela em espírito era o que havia de ser provado materialmente pela ciência. Conseqüentemente, “compreendamos como nunca – diante da pluralidade e da hierarquia dos mundos, da pluralidade e da hierarquia das existências – que a encarnação é ainda, em nosso planeta, de uma inferioridade notória, de uma inferioridade intelectual restrita relativamente às leis naturais a que esta sujeito este globo em seus diversos reinos.

“Grande é a ignorância do homem quanto às leis que regem os mundos e as humanidades superiores e estabelecem a unidade e a solidariedade no conjunto; porem, ainda o é mais quando um Messias, enviado de Deus em alta missão, reveste um corpo harmônico com a sua natureza espiritual e em relativa harmonia com uma esfera inferior qual a Terra, para ai se manifestar entre as criaturas, indicar-lhes os caminhos da regeneração, trazer-lhes a luz e a verdade, veladas e destinadas a serem desvendadas, conforme ao tempo e às necessidades de cada época, de cada era”.

A *Revelação da revelação* explica quem é o filho, dando a conhecer a origem e a natureza espirituais de Jesus, sua verdadeira genealogia e, incidentemente, a origem da alma, do espírito, suas fases, sua trajetórias, seus fins e seus destinos no infinito e na eternidade.

Depois de caracterizarem a doutrina cristã, tal como se formou da dupla revelação feita a Maria e a José, os *Quatro Evangelhos* traçam o quadro sumário dos erros das interpretações humanas quanto à encarnação do Cristo, colocando entre esses erros e apreciando sucintamente o que PHILALETES chamou de *Docetismo*, assinalando ao mesmo tempo, no passado, desde mais de dois mil anos, e no presente, a incapacidade da inteligência e da razão humanas para, no exercício do livre exame diante da ortodoxia cristã, *substituir* a letra pelo espírito, isto é, explicar e fazer compreender aos homens *em espírito e verdade*, essa encarnação do Cristo, conformemente às leis da natureza; e traçam também o quadro de uma nova revelação, de uma *Revelação da revelação*.

Jesus Cristo não foi um homem carnal, revestido de um corpo material humano, igual ao do homem do nosso planeta, pelas razões seguintes:

- 1º - Esse corpo material não se pode formar, segundo as leis naturais e imutáveis que regem a procriação, na Terra, senão pelo concurso dos dois sexos;
- 2º - A vontade inflexível de Deus jamais derroga as leis da natureza, imutáveis como essa mesma vontade, da qual elas emanam desde toda a eternidade.
- 3º - A revelação feita pelo anjo, um espírito superior, enviado de Deus, a Maria, depois a José, não pode e não deve se recusada, por incompreensível *segundo a letra*; deve ser explicada e compreendida *em espírito e em verdade*, segundo as leis naturais que regem os mundos superiores, tendo-se em vista suas *aplicações e adaptação* à esfera em que habitamos;
- 4º - O corpo que Jesus tomou, a fim de aparecer entre os homens e desempenhar a sua missão terrena, não foi fruto da concepção humana; formou-se por uma operação estranha à geração do homem e sem o concurso dos dois sexos, por uma operação extra-humana, revestida, pela necessidade dos tempos, pelo estado das inteligências, pelas exigências dos preconceitos e tradições, da capa do *mistério*, envolta no véu da *letra*, uma e outro *encobrendo e ocultando* o sentido das palavras do anjo. Esse fato se destinava a atender ao

presente e a preparar o futuro, trazendo consigo, pelo espírito, a base e os elementos da revelação porvindoura do *espírito da verdade*.

5º - O que de Maria nasceu se formou por obra do Espírito Santo. Conseqüentemente, a concepção em Maria virgem, assim como sua gravidez e seu parto não podiam ser e não foram reais, pois que, se reais tivessem sido, estaríamos na presença de um fato contrario às leis naturais que presidem à geração dos corpos no seio da humanidade terrena;

6º - Desde então, forçosamente, a concepção, a gravidez e o parto da virgem foram apenas aparentes, por um fenômeno espírita, que se produziu inteiramente de acordo com as leis da natureza.

Jesus Cristo não foi um homem carnal, revestido de um corpo material humano, qual o do homem terreno, sujeito como este à morte. Não ele não morreu efetivamente no Golgota, nem ressuscitou no sentido que damos a esta palavra, isto é, pela volta do espírito a um cadáver humano, por isso que a vontade imutável de Deus nunca derroga as leis imutáveis que regulam a vida e a morte do homem planetário, leis que não permitem que o espírito tenha entrada num cadáver, que se una a podridão e lhe restitua a vida.

A Revelação dá a conhecer aos homens quem é, em espírito e em verdade, o Espírito Santo, qual a operação que, por ele realizada, produziu segundo as leis imutáveis da natureza, a concepção, a gravidez e o parto da virgem Maria, quais a natureza e o caráter dessa operação. Ela mostra que por Espírito Santo se deve entender as legiões dos Espíritos do Senhor, na ordem hierarquia em que se agrupam, órgãos de suas inspirações, ministros ou executores de suas vontades.

Os Espíritos provam que a concepção, a gravidez e o parto de Maria foram só aparentes; que para aquela concepção em nada concorreu a ação humana; que ela foi meramente obra dos Espíritos do Senhor, obra puramente espírita.

E assim deve ser, porquanto as materializações de Espíritos se produzem indiferentemente, tanto com um médium mulher, como com a mediunidade de um homem.

No caso de Katie King, tão claramente explicado por W. Crookes, fora necessário, em falando como os ortodoxos católicos, que durante três anos se verificasse todos os dias, no médium Miss Cook, gravidez e o parto.

Ora, sem esse médium, não havia aparição de Katie King.

A completa prostração do corpo do médium, o estado de transe em que caia (essa a designação que os anglo-americanos dão ao fenômeno, sendo para nós a magnetização espiritual operada pelos Espíritos que produz a prostração), permitiam que a força física se concretizasse quase imediatamente na forma feminina.

A loira Katie era realmente engendrada pela morena Miss Cook, não obstante esta ser virgem e ter a idade de quinze anos.

Os sábios já muitas vezes hão comprovado que os médiuns de ambos os sexos, aptos à produção dessa ordem tão interessante de manifestações espíritas, perdem uma parte de seu peso, não raro a metade e algumas vezes mesmo dois terços, e que essa perda de peso se vai acentuando à medida que o Espírito se afasta do médium.

No dizer dos Espíritos que assim se materializam, eles assimilam os fluidos do meio ambiente em que aparecem, fornecendo-lhes as coisas e as pessoas presentes um contingente de moléculas, conseqüentemente de forças.

Este modo de proceder dos Espíritos constitui *uma forma de agregação molecular* diversa da que nos é conhecida e familiar, mas que necessariamente se opera sob a impulsão da mesma lei criadora da mesma força física <sup>(1)</sup> ou espírita.

“*Nós não conhecemos tudo.*”

É esta uma proposição, cujo acerto, com o auxilio dos fatos, os princípios científicos nos provam a todos os instantes.

Foi o que J.B ROUSTAING determinou com precisão, mediante a *Revelação da revelação*, que seus adversários consideraram e chamaram uma hipótese espiritualista.

Estava ele com a verdade? O que fica dito bem o prova.

O Cristo, o Messias, espírito mais adiantado, hierarquicamente mais elevado do que os enviados primários, se serviu da faculdade mediúnica da Virgem Maria (e sabemos que não era preciso fosse ela virgem afim de que aquela materialização tivesse sua razão de ser), para, fluidicamente, simular nela a gravidez, respeitando assim os preconceitos da nação judaica, quando pudera nascer instantaneamente dela, sem empregar esse meio que aprendemos a considerar como inútil em certos casos.

Jesus, que dispunha, para formar os órgãos materiais de que necessitava, de um poder de assimilação fluídica infinitamente maior do que a de seus enviados secundários, teve que viver na Terra por um tempo indeterminado, com ou sem intermitências. Pode assim viver, aparecer e desaparecer, exatamente como fazem os Espíritos que se materializam, do que obtiveram provas os pesquisadores positivistas da Sociedade real de Londres e os membros da Sociedade Dialética da mesma cidade.

A Sociedade real é em Londres o que a Academia das Ciências é em Paris.

A Revelação da revelação explica também por que necessidade, por que motivo e com que fim as coisas se passaram desse modo, conforme à presciência e a sabedoria infinita de Deus.

Respondendo a estas palavras de PEYRAT (*Histoire elementaire et critique de Jesus*):

“Para S. Paulo, Jesus é um ser misterioso, sem pai, sem mãe, sem genealogia e que se mostra como a encarnação de uma divindade para cumprir um grande sacrifício expiatório. Mas, como se operou essa encarnação, de que instrumentos se utilizou a divindade? – S. Paulo nada diz a tal respeito”, disseram os reveladores:

“Jesus espírito puro, espírito de pureza perfeita e imaculada, fundador, protetor e governador da Terra, não podia e não devia (1), segundo as leis imutáveis da natureza, revestir o corpo material do homem do vosso planeta, corpo de lama, incompatível com a sua natureza espiritual. Entretanto, para aparecer na Terra e desempenhar a sua missão terrena, era-lhe necessário revestir um corpo de harmonia com a sua natureza espiritual e relativamente harmônico com a vossa esfera, de modo a produzir a ilusão aos olhos dos homens. Estes, vendo nele um de seus semelhantes, haviam de ser por ele atraídos em virtude dessa conformidade. Era preciso que os corações fossem tocados pelas suas palavras, pelos seus ensinamentos e exemplos e que sua vida pura e sem mácula, toda de devotamento, de caridade e de amor, mostrasse aos homens, seu altíssimo valor e os levasse a amá-lo, admirá-lo e segui-lo. Observando-lhe os atos, inconfundíveis com os dos outros homens, haviam de sentir-se tomados de espanto e forçados a reconhecer que ele era um enviado de Deus, que o que ensinava vinha de Deus.

<sup>(1)</sup> *Força física* é a designação dada à força desconhecida que produz todos os fenômenos do moderno Espiritualismo. Os sábios que inventaram e empregam estas expressões não podiam, a priori, declarar que a existência dos Espíritos era um fato. Procuraram por isso abrigar-se à sombra da força física, espécie de força espiritual indeterminada.

A linguagem acadêmica usa sempre de uma palavra nova quando se refere a uma novidade submetida à investigação científica.

“Nenhuma comparação se pode estabelecer entre o corpo perispíritico de Jesus e o do espírito superior, para decidir se aquele era mais material do que este. Maior ainda é a diferença entre o corpo de Jesus e os vossos corpos de lama, porquanto o dele participava em larga escala do corpo do homem nos mundos superiores, pois que o compunham os mesmos elementos, mas modificados, solidificado, com o auxílio dos fluidos humanos animalizados, destinados a mantê-lo, conforme a vontade do mesmo Jesus. De acordo com as necessidades da sua missão terrena, esse corpo vos era visível e tangível, com todas as humanas aparências corporais do vosso planeta.

“O que o homem considera uma derrogação das leis imutáveis não chega sequer a ser uma deslocação das leis universais; é uma aplicação dessas leis. Não se deve supor impossível a produção em vosso planeta, de efeitos semelhantes aos que se verificam nos mundos superiores, no sentido de que tais efeitos, tendo os mesmos princípios, são, entretanto modificados relativamente à esfera em que se produzam.

“Certo, as encarnações fluídicas idênticas às que se operam em mundos como Júpiter e tantos outros planetas superiores, mais ou menos elevados, seriam um deslocamento das leis estabelecidas. *Nada, porem derroga essas leis.* Entretanto, semelhante encarnação, modificada pela aplicação dos fluidos terrenos, se torna uma aproximação, uma laço entre os dois graus da escala (como já foi dito) pela assimilação sucessiva do corpo fluídico “às regiões que ele percorre” através das camadas de ar e de mundos intermediários. É uma *apropriação* e não uma *derrogação*.

“Entramos nestas minudencias com o fim de desfazer todos os escrúpulos, de afastar todas as idéias preconcebidas. Não nos merece, porem, censura a desconfiança que hão de inspirar estas palavras ainda não ouvidas pelos homens. Desejamos tranqüilizar aqueles a quem elas inquietam.”

O corpo de que vínhamos falando haure os meios de vida e de nutrição, como o perispírito de cuja natureza ele participa, nos fluidos ambientes que lhe são apropriados e necessários, fluidos que assimila e que bastam à manutenção de seus princípios constitutivos. <sup>(1)</sup>

A resposta dos reveladores a esta questão: “Como se operavam o desaparecimento de Jesus quando o supunham orando no deserto ou no monte e seu reaparecimento entre os homens?” explica as maneiras e meios pelos quais Jesus, espírito puro, não sujeito a encarnação ou incorporação em planeta algum, se libertava à vontade do corpo que voluntariamente formara e o retomava, para só abandoná-lo definitivamente, finda a sua missão terrena, produzindo o fenômeno a que se deu o nome de “ascensão”.

Por ocasião de sua morte *aos olhos dos homens*, deixou ele na cruz o envoltório material. Tendo sido suspensa a vida orgânica, o corpo fluídico, tangível, de que usava, conservou todas as aparências da morte do homem do nosso planeta, constituindo uma realidade *sui generis* em virtude da encarnação especial de que temos tratado. *Os Quatro Evangelhos* referem também que o corpo do Cristo desapareceu do sepulcro, estando este selado e sob a guarda dos soldados romanos, e falam do seu reaparecimento – “a ressurreição” e das

<sup>(1)</sup> Em Charnes (França) existe uma moça, com quem já a Revue Spirite se ocupou, que vive sem comer nem beber há mais de dez anos. Não obstante, trabalha, com certa morosidade, mas continuamente. Os doutores parisienses a tiveram por muito tempo em suas enfermarias, no hospital, vigiada dia e noite, e *durante um ano* ela não ingeriu o que quer que fosse. De que vivia? Onde hauria a alimentação para o sangue? Não está aí a explicação procurada? Jesus como a moça de Charnes, não podia encontrar, melhor do que ela, no meio ambiente, os fluidos necessários à sua vida terrena toda especial?

aparições às mulheres e aos discípulos. Para fazer que o *corpo* desaparecesse do sepulcro, Jesus o chamou a si no espaço, privando-o da tangibilidade, mas conservando-lhe os princípios constitutivos prontos a se reunirem quando ele o quisesse.

Para reaparecer, dando lugar ao que se chamou a sua “ressurreição”, tomou o *aludido corpo*, que, aos olhos dos homens, representava a sua vida, vida que, como ele próprio o proclamara, *Ihe era dado tomar e deixar à vontade*. A esse corpo imprimiu, para as diversas aparições que se verificaram, com ou sem tangibilidade, conforme as circunstâncias ou às necessidades da sua missão terrena, as aparências precisas para servir ao presente e preparar o futuro <sup>(1)</sup>.

Jesus abandonou definitivamente o seu corpo fluídico quando se realizou a sua chamada ascensão, “restituindo às regiões, onde os tomara, os fluidos que eram os elementos e os princípios constitutivos desse mesmo corpo, apto a uma longa tangibilidade. Assim, as partes que o compunham se separaram completamente e voltaram *ao meio* que as atraía. Os fluidos tirados das esferas superiores para lá volveram e os que foram tomados à nossa atmosfera nela se reintegram novamente.”

Os espíritas puseram em curso a seguinte hipótese: o corpo de Jesus era um corpo terrestre qual os nossos e, como tal, produzido pelo concurso dos dois sexos; os anjos ou espíritos superiores tornando-o invisível, podiam subtraí-lo e o subtraíram do sepulcro no momento preciso em que, despedaçados os selos que Ihe tinham sido apostos, a pedra que o fechava fora atirada para o lado. Foi-lhes respondido que esta teoria, *a priori*, é inadmissível e falsa diante da revelação do anjo a Maria e a José. Semelhante revelação seria *então* mentirosa, o que não se pode admitir, tendo sido feita por um enviado de Deus. Ela deve ser interpretada, explicada, segundo o espírito que vivifica, em espírito e em verdade, conforme o curso das leis da natureza, e não rejeitada. <sup>(2)</sup>

Revestindo um corpo apropriado a certos mundos elevados, Jesus tomava uma carne verdadeira, mas relativa, pois, como disse o apóstolo Paulo (1ª Epístola aos Coríntios, v. 39, 40, 41, 44, 45, 47), proferindo palavras cujo sentido exato ele próprio não compreendia, palavras ditas para o futuro, sob o ponto de vista da aplicação que haviam de ter nos tempos vindouros e afastados da nova revelação: “toda carne não é a mesma carne.”

Assim como “uma é a carne dos homens, outra a dos quadrúpedes, outra a dos pássaros, outra a dos peixes, assim também outra é a carne dos homens de certos mundos elevados.”

“Assim como há corpos terrestres, também há corpos celestes.” <sup>(3)</sup>

(1) Este fenômeno é em tudo semelhante ao que foi descrito por WILLIAN CROOKES do aparecimento tangível de Katie King, do seu desaparecimento pela desagregação quase instantânea do corpo com que se apresentava e no qual circulava exuberante vida. Este fato, verificado por verdadeiros sábios, prova que os adversários do SR, ROUSTAING o condenaram a priori e que com mais acerto teriam procedido se houvessem guardado um prudente silêncio. O *criterium* infalível e pessoal não pudera prever tudo. Esse o seu defeito capital.

(2) Ver: 3º Vol. nº289; 1º Vol. nº14, 31, 47, 55-56, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67; 4º Vol. nº1.

(3) PHILALETES, filósofo de primeira ordem, imbuído de idéias, teologias, fruto de seus estudos, não podendo acreditar nessa operação tão rápida da formação e da desagregação de um corpo fluídico, pronunciou a palavra *Docetismo*, a qual foi vivamente adotada por ALLAN KARDEC, que até então só falara de *agenere*. Os leitores deste último, englobando as duas qualificações errôneas, disseram: “nesse caso, os sofrimentos de Maria, bem como os do Cristo, foram mentirosos.” A esses espíritas era indispensável um Jesus sangrento, choroso, gemeabundo, andrajoso e ofegante. Há dois mil anos o populacho e os crentes tudo sacrificam para gozar deste espetáculo fictício e legendário, mas que para uns e outros é real. O Cristo, natureza superior, não podia sofrer segundo o nosso modo de entender material e terra à terra, eis o que, daqui por diante, devemos aceitar como verdade.

A nossa obra se destina a criar a base e os fundamentos da igreja *una e universal do Cristo* para a nova era. Ela indica os modos e os meios da sua edificação, projetando um novo raio de luz sobre o conhecimento do Pai, do Deus criador, incriado, imutável, único eterno, infinito, e do Filho, conhecimento esse dado aos homens em verdade, de maneira precisa.

Por falta de leituras serias e de meditações sobre os Quatro Evangelhos, a sua importância tem sido desconhecida e muitos o fazem dizer o contrario do que encerram. Essa obra não contém apenas, como dizia Philaletes, “paginas da mais sublime moral e os mais empolgante comentários dos preceitos evangélicos.” Ela compreende os quatro Evangelhos e o texto dos Mandamentos, explicados uns e outros em espírito e verdade, o que permite corrigir todos os erros das interpretações humanas até hoje havidas, erros que estiveram sempre em relação com o estado das inteligências nos tempos precusores da nova era.

Os Quatro Evangelhos põem a descoberto o que estava oculto, dão a conhecer o que era secreto, mal compreendido e inexplicado sob o véu da letra quanto ao Pai, quanto ao Cristo, quanto à sua origem, natureza espiritual e personalidade, misteriosa até os nossos dias, quanto à sua missão espiritual e à sua missão terrena.

A Revelação da revelação dá também uma noção mais exata do Espírito Santo, da origem da alma, de suas fases, de seus caminhos e fins, de seus destinos no infinito e na eternidade. Explica as predições e as promessas do Mestre a respeito daquilo a que se chama o fim do mundo, os processos e meios de que ele se serve para a depuração e a transformação física do nosso planeta e a transformação física da nossa humanidade.

Precedemos e preparamos o novo advento do Messias, que virá sancionar a verdade e mostrá-la sem véus.

Esta obra oferece aos homens atuais o que eles podem receber e suportar na medida das forças que já adquiriram e que ainda adquirirão. É o primeiro plano da obra do espírito da verdade, preparatória da era nova, cujo inicio, ela marca com o auxilio de revelações ainda desconhecidas da maior parte dos encarnados.

Sim, é a fase teológica que se *abre*, a fim de preparar, pela vinda de futuros missionários, instrumentos e órgãos do espírito da verdade, a desejada fusão das seitas religiosas: Catolicismo, Protestantismo, Budismo, Judaísmo, Brahmanismo, Maometismo, religião dos selvagens e das tribos.

Oferecemos as premissas da igreja una e indivisível do Cristo.

O porvir dirá se a *Revelação da revelação* era ou não uma boa obra.

A propósito deste livro muitas contradições aparecerão, mas estamos certos de que, quando a questão religiosa for posta na ordem do dia em nossa Terra, o que ele contém triunfará da luta e as verdades por ele enunciadas e proclamadas permanecerão de pé sobre essa nova Babel que vai surgir.

Em meio das controvérsias humanas, elas hão de auxiliar a destruição dos erros e dos sofismas de que temos sido escravos desde a era cristã.

J. B ROUSTAING.

## CONCLUSÃO

---

Temo-lo dito: o Espiritismo só do livre exame pode tirar uma força real; ele é o inimigo natural das idéias preconcebidas, da prepotência, dos sistemas preestabelecidos e da infalibilidade.

O Espiritismo pede a seus adeptos que, em vez de sapatearem no mesmo lugar e fazerem parte de igreja enfeixada nas mãos de um só homem, se instruem acerca de todas as coisas se desejarem ser conscientes. Ele quer que cada um saiba enfrentar qualquer idéia nova que aprenda conter em si uma verdade e a assimile, se o merecer, depois de uma verificação severa e pessoal.

Porque se tenha repetido à saciedade estas palavras: “O Espiritismo é a religião do futuro; dentro de cinqüenta anos terá conquistado o mundo”, seque-se que devemos girar sempre no mesmo circulo, deixar de estudar com ardor, crentes de que a filosofia espírita possa implementar-se, sem esforços, em todas as consciências? Fora um erro extraordinário.

O futuro pertencerá aos perseverantes aos mais trabalhadores, aos mais instruídos, aos mais moralizados, aos que melhor tiverem compreendido os deveres que lhes decorrem da responsabilidade e da solidariedade com todos os seus irmãos.

Há entre nós boas criaturas, mas espíritos pouco consistentes, que timbram em desdenhar das pesquisas feitas pelos espiritualistas do mundo inteiro e que se julgam poços de ciência, missionários privilegiados, pelo fato de terem lido superficialmente as obras de ALLAN KARDEC. A esses recomendamos o estudo das línguas alemãs e inglesa.

Se seguissem este conselho, adquiririam a certeza de que os espiritualistas alemães e ingleses, tão desdenhados, criam obras de alto merecimento, que rasgam horizontes novos à escola de ALLAN KARDEC. Sobre tais obras devemos meditar e procurar perceber-lhes a alma, se não quisermos ficar constituindo, na França, uma igreja com seus corrilhos, entregues às lutas liliputianas que, já em 1865, se estabeleceram entre Allan Kardec e os espíritas bordoleses e lioneses.

Nessa época em que ALLAN KARDEC intentava erigir seu sistema de verificação universal, havia cismas e cismas há atualmente. É a lei do livre arbítrio e ninguém têm o poder de impedir que os cismas se produzam.

O moderno Espiritismo continua a sua evolução lenta e segura. Os meios postos em pratica para o destruir não fizeram senão ativar a sua propagação. Qual arvore vigorosa, sua exuberante ramagem exige outras raízes e outros galhos para espalhar por toda a parte flores e frutos. As boas criaturas de quem falamos acima, servos da letra, inutilmente se esforçariam por lhe cortar os rebentos.

Ninguém pode ignorar que seja hábil e prudente seguir e estudar a leis naturais, não lutar em vão contra elas.

A lei sobrevive ao homem, simples viajante nesta existência.

Demais a *diversidade* dos pensamentos e das coisas não cria a harmonia universal?

O progresso considerou esta *diversidade*, enviada divina, como sendo o grande fator de toda ascensão para o conhecimento mais intimo de Deus.

O Espiritismo que pretende nivelar todas as inteligências e ligá-las ao mesmo dogma é um espiritismo de fantasia.

A intuição primordial, que acompanha o homem através das suas sucessivas existências, o impele irresistivelmente para o caminho natural, o da liberdade da consciência, que, no

passado sempre se procurou encadear e, no presente se tenta entravar, em nome de todas as infalibilidades.

Os impulsos da natureza e a vontade divina não permitem essa fantasia de marcar passo, pois que o movimento constitui a regra absoluta.

Preciso é, portanto, caminhar, aceitar tudo o que seja ensinado pelos métodos racionais de investigação, venha o ensino da América, ou da Europa, ou de um devotado como J.B ROUSTAING, contrariando embora as idéias já assimiladas.

A presente renovação religiosa exige as mais amplas bases.

Busquemos tudo que seja *prático* e esteja maduramente estudado, tudo o que, em outras circunstâncias, tenha sido experimentado.

Se as aparições tangíveis de espíritos são reais e estão suficientemente provadas pelos Hare, Wallace, W. Crookes, etc., será inútil lançarem anátemas sobre ROUSTAING e balbuciarem as palavras *Agênere* e *Docetismo*.

Não imitemos os meninos que se ocupam em cavar um buraco na areia, pretendendo encaminhar para aí o ribeiro que continuara o seu curso.

O movimento é a vida. A intolerância já fez sua época. Devemos aceitar a verdade, surja de onde surgir.

Os *Quatro Evangelhos* vêm *abrir* uma fase nova ao moderno Espiritismo. (Não esqueças que se trata de *abrir* e não de *encerrar*, pois cumpre que a obra receba a cooperação de outros.) Toca-vos o encargo de os comentar, de separar o joio do trigo, jamais adotando um *credo imutável*.

“Um credo, diz Michelet, se torna uma barreira intransponível, se formulado pela infalibilidade. Tem então vida relativamente curta e não é comumente aceito senão por uma categoria de indivíduos votados à morte, enquanto que a humanidade avança e o perde de vista.”

Não nos criemos semelhantes barreiras, ó espíritas, irmãos nossos; caminhemos para diante como homens livres.

Perscrutemos o belo domínio que nossos guias nos legaram, domínio infinito que não conhece altura, nem largura, nem profundidade, que não tem limite algum.

Deixemo-nos de *momices* e de *superstições*, procuremos a instrução, a educação, a tolerância, baseadas no amor à verdade e ao bem.

Corre-nos, definitivamente, o dever de criarmos o livre pensamento espiritualista, que colocara a liberdade de consciência do materialista no seu limitado campo, liberdade que, do contrario, acabaria por nos mumificar a consciência e a razão, com pretendeu o catolicismo mariolatra e intolerante dos papas-reis.

Reunam-se, formando um feixe, todos os espíritos generosos que pensam no seu futuro moral.

Unidos, seremos uma força ativa orientada para este objetivo a libertação intelectual e moral de todos os nossos irmãos.

Era este o desejo de ALLAN KARDEC, foi o de J.B ROUSTAING e é o de todos os espíritos elevados.

Que esse seja o nosso objetivo e que possamos atingi-lo, combatendo por tudo quanto for caro e sagrado, segundo o *pro aris et focis* (pelo lar e pelo ócio) dos Latinos.

DUAS NOTAS: 1º - Repetimos, para que ninguém se equivoque no tocante às nossas intenções: estas paginas Roustaing não as escreveu com o intuito de diminuir o valor de ALLAN

KARDEC, homem eminente, ao qual votava veneração e estima, mal grado as injustiças que dele recebera, e a quem sempre considerou como o verdadeiro fundador da doutrina espírita.

Os discípulos de J.B ROUSTAING, como ele votam profundo respeito a esse grande trabalhador e, editando esta memória de além tumulo, obedecem às indicações precisas daquele que, acima de tudo, amava a verdade, luz das consciências retas.

2º - Os espíritas não se acham ao nível dos conhecimentos adquiridos pelo moderno espiritualismo. Na sua maioria, obedecem cegamente aos conselhos de seus guias familiares e nem sequer têm lido as obras de ALLAN KARDEC e as de outros espíritos eminentes.

Não devem ignorar que, vai para 2.000 anos, lutamos contra essa mãe de todas as superstições – *a fé absoluta e sem exame*, fé que o Espiritismo vem combater e destruir, com o auxílio da razão e da ciência das coisas ensinadas por nossos guias e confirmadas pelo consenso universal.

O espírita é um *livre pensador*. Se o quiser ser na realidade e tornar-se um verdadeiro educador, deve estudar sem descanso, a fim de bem se conhecer a si mesmo; acompanhar atentamente a ciência moderna em todas as suas evoluções. Este o meio mais racional e mais acertado, ao seu alcance, de desempenhar o papel de moralizador.

O movimento é a lei inelutável do progresso. Ficar estacionário é votar-se ao esquecimento e não deixar de si o mais ligeiro traço.

A tradição mais bela e generosa é a que nos legaram os grandes missionários da humanidade, sacrificando suas vidas. Ela constituiu sempre em nos ensinar de onde viemos, o que somos, quais os nossos destinos.

O Espiritismo mantém essa tradição, que envolve o presente, o passado e o futuro. Não o esqueçamos e saibamos revivê-la, *constituindo-nos homens de ação*.<sup>(1)</sup>

(1) Extraído do volume intitulado: *Os Quatro Evangelhos* de J.B ROUSTAING. Resposta a seus críticos e a seus adversários, editada pelos discípulos de J.B ROUSTAING. À venda no livreiro Feret, passagem da Intendência, 15, Bordeaux, e na Livraria das Ciências Psicológicas, 5, rua des Petits-Champs, Paris, 1882. (Nota da Federação Espírita Brasileira – FEB).

Obs. Para maiores informações sobre os ensinamentos dos Espíritos Superiores à Kardec sobre o assunto, ver: *A Gênese* (Cap. XV Os Milagres do Evangelho) - Aparição de Jesus, após sua morte (itens 56 a 67) 36ª edição FEB